

Folha Viva

Jornal dos Clubes da Floresta do Projeto Prosepe



A publicação do n.º 50 do Folha Viva é, por si só, motivo de grande regozijo e enorme alegria, tanto para a Coordenação Nacional, como para todos os Clubes da Floresta da rede PROSEPE, razão pela qual entendemos dever dedicar-lhe um número especial, traduzido na duplicação do número de páginas, e, sobretudo, num conteúdo mais diversificado do que o habitual, pelo que apresenta uma organização interna diferente da tradicional.

Defacto, se até há bem pouco, a edição do número 50 do Folha Viva era algo impensável, pois, durante os três anteriores anos letivos, a sua publicação foi suspensa devido à falta de financiamento, porém, com a recente entrada de algum apoio financeiro, tornou-se possível retomar uma certa normalidade no desenvolvimento das atividades (embora nem todas as necessárias ao normal funcionamento do projeto, como, por exemplo, a realização das Jornadas Nacionais do PROSEPE), e, por conseguinte, também se traduziu na recuperação da edição das publicações que não foram dadas à estampa em tempo útil, como foi o caso dos onze números atrasados do Folha Viva, ou a brochura PROSEPE, dedicada ao ciclo Olhar pela Floresta.

Houve, por isso, um grande esforço da magra equipa que, na Coordenação Nacional, não regateou esforços para que estes desideratos pudessem ter sido alcançados, pelo que estão de parabéns e são merecedores dos maiores encómios pelo esforço que dispuseram, para concluir tão hercúlea tarefa, acrescida de todas as outras a que também foram chamados e deram resposta muito positiva.

Este número é, pois, resultado de um conjunto vasto de colaborações, para as quais muito contribuíram os Coordenadores Distritais dos Clubes da Floresta da rede PROSEPE e, muito em particular, o Dr. Jorge Lage, Coordenador Distrital de Braga, pela persistência na obtenção

Sumário

02

Editorial

05

Mensagens

17

Biodiversidade: Floresta, Água, Vida e as Crianças

28

No Palco do Prosepe

30

Fomação de Professores, uma prioridade no Prosepe

37

O Prosepe Visto por Dentro

54

Dar Voz aos Clubes da Floresta

58

Prosepe Vivido

64

Click

FICHA TÉCNICA

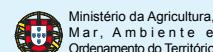
Folha Viva

Jornal dos Clubes da Floresta do Projeto Prosepe

Número 50 - Ano XIV - Julho / Setembro 11

Propriedade: NICIF - Núcleo de Investigação Científica de Incêndios Florestais, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Aeródromo da Lousã, Chã do Freixo - 3200-395 Vilarinho LS, Tel.: 239 992 251 / 239 992300, Fax: 239 992 302 - Diretor: Luciano Lourenço - Equipa de redação: Luciano Lourenço, Graça Lourenço, Fernando Félix, Sofia Benardino e Sofia Fernandes - Fotografias: Autores Indicados, Membros dos Clubes da Floresta; Imagem da Contracapa adaptada a partir de http://jakeclaytestblog.wordpress.com/gallery/08spr_trees_01_h_feature/ - Composição: Fernando Félix e Marília Peres - Design e paginação: Fernando Félix e Marlene Ferreira - Impressão: Gráfica Ediliber - Tiragem: 250 exemplares - Periodicidade: Trimestral - Distribuição Gratuita - Edição Online em: http://www.nicif.pt/prosepe/publicacoes/MT_Didactico/JFV - Depósito Legal: 117549/97

Financiado Pelo Fundo Florestal Permanente



de importantes mensagens, com um profundo significado, dirigidas a todos os prosepianos, pela Presidência da República, pela senhora Ministra da Agricultura, Mar, Ambiente e Ordenamento do Território e pelo senhor Ministro da Educação e Ciência. Do mesmo modo, também o Dr. Renato Ferreira, Coordenador Distrital de Viana do Castelo, se empenhou na obtenção de uma mensagem do senhor Secretário de Estado das Florestas e Desenvolvimento Rural que, na qualidade de responsável direto pela promoção e preservação da nossa floresta, também se quis associar a esta edição especial do Folha Viva.

O significado profundo do conteúdo destas quatro mensagens, que muito agradecemos, dirigidas às crianças, adolescentes e jovens membros dos Clubes da Floresta, bem como aos Professores Coordenadores, Adjuntos e Colaboradores que os enquadram e com as quais abrimos este jornal, serve de estímulo e incentivo revigorantes para todos os Clubes da Floresta, mas representa, também, um aliciante compromisso que com eles se estabelece e que, neste período de crise financeira, em grande parte resultante da falta de ética, de valores e de princípios que devem sustentar a sociedade, terá de traduzir-se em consequências práticas, muito concretas, para que os Clubes da Floresta possam continuar a desenvolver a sua missão.

Segue-se a colaboração de outras individualidades, em representação das muitas entidades, que, tanto no passado, colaboraram com o PROSEPE, como daquelas que o continuam a fazer no presente, se bem que nem todas tenham podido ser contactadas, devido às precárias condições que serviram de suporte a esta edição. A todos agradecemos a colaboração emprestada e os testemunhos que nos enviaram.

Tratando-se de um projeto que se desenvolve em contexto escolar, a primeira mensagem é, naturalmente, a da sua coordenadora pedagógica. Seguem-se, depois, as do primeiro e do último responsável pela sensibilização da população escolar, respetivamente, senhor Coronel Eng.º Maia Costa que, na sua qualidade de Coordenador

da Comissão Nacional Especializada de Fogos Florestais, foi o grande impulsionador do PROSEPE, nos primeiros anos da sua existência e que, apesar de aposentado, continua a acompanhar muito de perto e com muito interesse a atividade do PROSEPE. Volvidos alguns anos, a competência da sensibilização da população escolar foi mudando de responsáveis e de entidades, até que transitou para a alçada do atual Diretor Nacional para a Defesa da Floresta, Eng.º Paulo Mateus, o qual, neste ano letivo, teve possibilidade de dar um novo ânimo ao PROSEPE, ao permitir-lhe “manter a chama acesa”, para usar uma expressão sua, pelo que cala fundo a mensagem que nos deixou.

Depois, demos a voz aos autarcas, em representação de muitos outros que, regularmente, colaboram com os Clubes da Floresta, bem como às Forças de Segurança, representadas por um atual e um antigo colaborador. Terminamos este conjunto de mensagens com uma, de uma Associação Florestal e, outra, de um Gabinete Técnico Florestal, representando, deste modo, os diferentes tipos de Associações e os vários Gabinetes e Serviços que, no terreno, interagem e colaboram, de modo muito próximo, ao longo do ano letivo, com a generalidade dos Clubes da Floresta.

A continuação, porque na sua já longa existência, o Jornal Folha Viva sempre manteve um cunho formativo, entendemos não quebrar essa componente e, para isso, quem melhor do que o reputado biólogo Doutor Jorge Paiva, Professor jubilado do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra, que tantas vezes connosco colaborou em ações de formação para os Professores do PROSEPE, nos poderia relatar, de forma científica e, ao mesmo tempo, facilmente perceptível, as relações da floresta com a biodiversidade, as crianças, adolescentes e jovens?

De seguida, porque todos os dias nos movimentamos no teatro da vida, o PROSEPE entra em palco, com uma nota muito interessante, escrita por um dos mais antigos professores colaboradores deste Projeto, após o que se faz uma referência histórica, de entre as muitas que poderiam ter sido

feitas, à formação dos professores prosepianos, não tanto para mostrar aquilo que se fez, mas sobretudo, para assinalar o muito que ficou por fazer, as oportunidades que se perderam e que já não voltarão.

Num espaço da responsabilidade dos Coordenadores Distritais, importantes pilares de sustentação do projeto, ainda neste contexto de análise histórica e que, de certo modo, também o é de balanço das atividades realizadas, é dada voz a todos aqueles que decidiram partilhar algumas das suas experiências no “Prosepe vivido” ao longo dos anos, tanto sob a forma de testemunho do modo como viveram algumas das atividades mais marcantes deste projeto, como na perspetiva de darem uma nota, porventura de carácter mais pessoal, sobre o significado e a visão que têm do projeto.

Para concluir, damos voz aos Clubes da Floresta, razão de ser do PROSEPE e, por conseguinte, neste número especial, estão representados os diferentes níveis de ensino, desde o pré-escolar até ao 3.º ciclo do Ensino Básico, através de quatro textos selecionados de entre os recebidos. Todavia, porque a preparação deste jornal coincidiu com o período de exames e de férias escolares, as colaborações foram em número relativamente reduzido e não se registou nenhuma do Ensino Secundário, por isso, não lhes pôde ser dado o merecido e devido destaque. Por outro lado, não podíamos prolongar o prazo, porque a fazê-lo, comprometer-se-ia a impressão do jornal, um condicionalismo importante que, de certo modo, penalizou a visibilidade dos Clubes da Floresta.

Esta secção encerra com mais dois textos de Coordenadores Distritais, que recolheram expressões usadas pelos jovens, num caso, para caracterizarem a experiência do dia-a-dia de um Clube da Floresta, e, no outro, para deixarem a sua opinião sobre a única atividade que, ainda, manteve um carácter nacional.

O jornal encerra como começou, desta vez com uma mensagem de uma personalidade muito conhecida e conceituada da sociedade portuguesa, o Professor Marcelo Rebelo de Sousa, que teve oportunidade de participar no Encontro de Clubes da Flo-

resta do distrito de Braga e que, muito gentilmente, nos deixou votos de vida longa. Muito obrigado.

Posto isto, direi que este número especial, é reflexo da conjuntura e das condições em que foi produzido. Se, de certo modo, foi encarado numa perspetiva de autoavaliação do trabalho desenvolvido ao longo de 18 anos de atividade dos Clubes da Floresta, com o PROSEPE a querer ser visto por dentro, através do testemunho dos seus Professores, atuais e antigos, tanto Coordenadores Distritais, como Coordenadores dos Clubes da Floresta, por outro lado, também se pretendeu que fosse de heteroavaliação, através do envolvimento de personalidades externas ao PROSEPE, que aqui deixaram expressas algumas das suas opiniões.

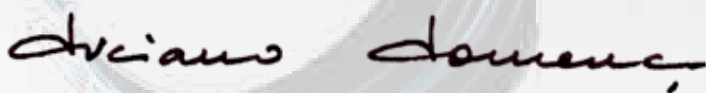
Pela presença, atuante e participativa nas Escolas, bem como pelo constante trabalho desenvolvido ao longo do ano letivo e, ainda, pelas provas dadas ao longo de sucessivos anos escolares, os Clubes da Floresta bem deveriam ter merecido, nos últimos anos, mais respeito das entidades responsáveis pela Educação e pela Floresta de Portugal. É pena que não lhes tenha sido dada a devida atenção e o apoio merecido.

Continuaremos a trabalhar para que este Folha Viva, em edição especial, não seja o último número do Jornal dos Clubes da Floresta do Projeto PROSEPE. Mas isso não dependerá exclusivamente de nós.

Estamos convictos de que as mensagens aqui deixadas pelos atuais responsáveis pela Educação e pelas Florestas de Portugal marcam uma inversão de trajetória em relação ao passado recente e, apesar das dificuldades, abriram uma nova janela de esperança que não será desperdiçada.

Cordiais saudações prosepianas.

O Coordenador Nacional,



(Prof. Doutor Luciano Lourenço)



Ação mobilizadora



*Presidência da
República*

José Manuel N. Liberato

Chefe da Casa Civil

Em resposta ao vosso amável convite, que agradecemos, encarrega-me Sua Excelência o Presidente da República de felicitar o PROSEPE/ Clubes da Floresta pelo seu 18.º aniversário e o Jornal Folha Viva, o qual, ao longo dos seus cinquenta números, tem dado visibilidade à ação dedicada de milhares de professores e alunos à causa da defesa da floresta e do ambiente.

A formação, desde a infância, para temas de grande importância cívica, como é o caso manifesto da proteção dos recursos florestais, é determinante para a criação de uma consciência duradoura e de um sentido de dever de participar e agir que se manterão ao longo da vida, despertando nos jovens e, através deles, nas suas famílias e comunidades, uma capacidade crítica e um sentido de exigência essenciais para a promoção e proteção dessa enorme riqueza nacional que são as nossas florestas.

A ação mobilizadora dos Clubes da Floresta, apoiados pela Universidade de Coimbra, é um bom exemplo de como os cidadãos podem e devem ter um papel ativo na preservação do ambiente e na sensibilização para a importância das florestas no equilíbrio ambiental e na economia nacional.

Dirigindo essas felicitações ao trabalho realizado por todos os professores e alunos que, com persistência e dedicação, constituíram, desenvolveram e mantêm esta rede de Clubes da Floresta, faço votos de continuação de muito êxito, a bem da causa da floresta.



Educação florestal



Assunção Cristas

Ministra da Agricultura,
do Mar, do Ambiente e do
Ordenamento do Território

A educação e sensibilização florestal das nossas crianças nas escolas, praticada e defendida pelo programa PROSEPE tem contribuído, desde a sua criação em 1993, para um melhor conhecimento da importância da floresta portuguesa, nas suas vertentes social, cultural e ambiental.

O PROSEPE tem a qualidade única de apostar no desenvolvimento e integração de comportamentos que visem a conservação da floresta e do meio no qual está inserida, bem como para a defesa da floresta contra incêndios. Lembremos que a floresta ocupa 39% do território nacional e é responsável por milhares de empregos, diretos e indiretos. Assim, os objetivos específicos deste projeto, nomeadamente o seu carácter pedagógico, contribuem para o desenvolvimento da formação cívica dos nossos jovens, incutindo-lhes conceitos, princípios, valores e, acima de tudo, atitudes que nos permitem assegurar a continuidade da nossa floresta de uma forma VIVA!

Portudo isto, é com todo o gosto que o Ministério da Agricultura, Mar, Ambiente e Ordenamento do Território, que tutelo, vos dá os parabéns.



Raízes nas Escolas



Nuno Crato

Ministro da
Educação e Ciência

A educação ambiental é hoje uma realidade nas escolas portuguesas. O respeito pelo ambiente e a preocupação com o desenvolvimento sustentável estão cada vez mais presentes, e hoje vemos os jovens conscientes da importância da preservação dos recursos naturais para o nosso país. Os 18 anos do Projeto de Sensibilização e Educação Florestal da população Escolar - PROSEPE - tiveram certamente um papel fundamental para que isso se tornasse realidade.

Nesses 18 anos, o PROSEPE e os Clubes da Floresta existentes em mais de 100 escolas portuguesas têm mostrado aos nossos jovens a importância da floresta, o que é imenso. A sua

atuação tem uma vertente prática fundamental na prevenção de incêndios e na intervenção nas comunidades. Por isso, o Ministério da Educação e Ciência dá os parabéns aos idealizadores do projeto e à Universidade de Coimbra, e deseja que as suas raízes nas escolas de todo o país sejam cada vez mais fortes.



Educação florestal



Daniel Campelo

Secretário de Estado das
Florestas e Desenvolvimento Rural

A floresta portuguesa só pode ganhar com o conhecimento de toda a população estudantil naquilo que são as suas múltiplas valências; desde a conservação do solo e da água, combate à erosão, a preservação da biodiversidade, o valor económico e social e a noção alargada de uma sustentabilidade real que o nosso país tanto aprecia, valoriza e deve preservar. O PROSEPE reflete nas suas atividades todas estas funcionalidades da floresta, uma vez que alia o conhecimento dos professores ao voluntarismo natural das crianças e jovens, com ações de sensibilização e educação para a preservação da floresta, através do conhecimento da sua importância socioeconómica, cultural e ambiental, bem como da promoção dos comportamentos e das atitudes mais apropriadas para a conservação da floresta e do meio no qual está inserida e ainda para a defesa da floresta contra incêndios.

O trabalho desenvolvido por todos os atores do PROSEPE permite fazer uma comparação óbvia, isto é, tal como se plantam hoje árvores para ao longo da vida se poder usufruir de todas as “doações” que elas proporcionam, assim é o trabalho dos “prosepianos” que começam a investir na sua formação florestal e cívica hoje, quando são jovens, e vão usufruindo ao longo da vida, de forma sustentável, do ambiente florestal.

A educação florestal para públicos em idade escolar é, sem margem para dúvida, uma aposta ganha à partida para toda a sociedade portuguesa, pois os ensinamentos que os mais jovens vão apreendendo, facilmente são transmitidos em casa às suas famílias e círculo de amigos, propiciando um efeito de cadeia altamente compensador para a floresta portuguesa. Assim sendo, nunca é demais agradecer tudo o que já foi construído neste programa, tudo o que se constrói, certamente à medida que estas palavras vão sendo escritas, e todas as iniciativas que se começam a delinear nas mentes destes voluntários tão especiais!

Muito obrigado a todos pela vossa dedicação e devoção à causa comum que é a floresta portuguesa!



PROSEPE, um projeto para fomentar valores



Maria da Graça Lourenço

Prof. do Ensino Secundário

Coord. Pedagógica do PROSEPE

Quando profissionalmente fazemos o que gostamos, está sempre patente na nossa mente estabelecer metas de aperfeiçoamento, logo estamos predispostos a pensar em estratégias conducentes à concretização desse objetivo. Mas, se a nossa atividade profissional se desenvolve na educação/formação de jovens, então há uma maior apetência para o desenvolvimento de novas estratégias, que devem ser criativas e porque não, até mesmo inovadoras, a fim de estimular uma maior motivação na sua aprendizagem.

Contudo, no meio escolar, para que uma mensagem seja aceite, ela necessita de ter características muito específicas, nomeadamente, objetividade em termos pedagógicos e didáticos, capacidade de desenvolvimento de valores nos jovens, no âmbito da cidadania, e, sobretudo, uma grande dedicação e empenho no trabalho que se vai desenvolver. Estes foram, sem dúvida, os grandes eixos orientadores que estiveram na base da criação do Projeto de Sensibilização e Educação da População Escolar – PROSEPE e que fez dele o maior e mais longo Projeto alguma vez desenvolvido em contexto de Escola, tendo atingido mesmo, em alguns períodos da sua vigência e em grande número de escolas, a valência de atividade de complemento curricular.

Após a sua criação, o Projeto desenvolveu-se paulatinamente e, ao longo de 9 anos, foi registando, ano após ano, maior número de adesão de Escolas e, conseqüentemente, de professores e alunos. Esta tão grande adesão evidenciou o reconhecimento do Projeto, em termos de transmissão

de valores aos jovens, primeiro, no sentido de conhecer a floresta e a sua importância vital, e, depois, de aprender a amá-la, para desta forma compreender a necessidade da sua preservação, pois “ninguém ama o que não conhece, e ninguém preserva o que não ama.”

Com base nos testemunhos que nos chegavam, no final de cada ano letivo, aquando do balanço das atividades desenvolvidas nos Clubes da Floresta, permitem-nos afirmar, com grande convicção, que os jovens que, ao longo dos anos, passaram pelo Projeto são hoje cidadãos mais conscientes do valor patrimonial da floresta.

Como na vida nada é definitivo, tudo o que tem princípio, tem fim e o PROSEPE não é exceção, pelo que, depois desse período de crescimento, entrou em decadência e está a atingir o seu fim, não por vontade de quem nele trabalha, sobretudo daquelas árvores fortes e resistentes, que são os seus Coordenadores Distritais e dos Clubes da Floresta, esteios firmes que, tantas vezes, têm sido “sacudidos” por sucessivas intempéries e que, apesar dessas tempestades, ainda se mantêm de pé. No entanto, a atual “conjuntura”, palavra tão pequena e onde tudo cabe, não lhes é nada favorável, pelo que ficamos com a convicção do cumprimento de uma missão longa e profícua, a par da satisfação do dever cumprido.

Para todos, o meu BEM-HAJA.



Uma palavra de esperança



Alberto Maia e Costa

Ex-Coordenador da
CNEFF - Comissão Nacional
Especializada de Fogos Florestais

No dia da árvore do ano corrente da era de Cristo de 2011, o Clube Rotário de Cascais, prestou homenagem à Floresta de Sintra, na Malveira da Serra.

Este Clube, de que sou sócio fundador, tem uma mata na Serra, de que é responsável para manter aquele território cuidado, com a vegetação rasteira e o mato roçados e as árvores, que todos os anos plantámos, devidamente podadas, para crescerem e a floresta ser mais bonita.

Este ano, à semelhança de outros passados, convidámos os alunos da Escola Básica da Malveira, a plantarem as pequenas árvores connosco. Estas foram cedidas pela Câmara Municipal de Cascais, que nos apoiou, pondo à nossa disposição uma bióloga e um engenheiro florestal.

Munidos de sachos, fomos ensinando os jovens a abrir as covas e, com a melhor das técnicas, a colocar as árvores pequeninas e sensíveis.

Tudo correu bem e foram plantadas mais de uma centena de árvores.

Mas nem tudo são rosas!...

Estas crianças de uma aldeia encravada na Serra de Sintra não sabiam pegar no sacho, fazer a cova e não queriam pegar na terra, para a aconchegar.

Tivemos de demonstrar que a terra não tinha peçonha e que se sujássemos as mãos, com a água que passava na ribeira e vinha do cimo da serra, as lavaríamos.

Lembrei-me do PROSEPE e da obra notável que foi feita ao longo dos anos, por professores e alunos das escolas, através dos Clubes da Floresta, cujos nomes recordo com saudade.

Foi uma altura em que a liderança de alguém, num esforço extraordinário, conseguiu mobilizar vontades, motivando os jovens para sentirem as suas árvores e a sua floresta.

Quem não se recorda que o PROSEPE conseguiu levar milhares de crianças, adolescentes e jovens cada um vestido como de forma a lembrar a árvore, transcendendo os limites da sua escola, do seu concelho e da sua região, para uma manifestação a nível nacional. Nestas manifestações ninguém reivindicava nada... Davam o seu trabalho, o seu entusiasmo e, começavam a ter consciência, a ser cidadãos responsáveis!

Com que orgulho desfilavam e sentiam que eram alguém na defesa duma riqueza que sentiam que era deles e do nosso Portugal.

Numa dessas manifestações esteve presente e lanchou connosco o Engenheiro António Guterres, 1.º Ministro, que naquele final de tarde ía a Londres, visitar a sua mulher, que se encontrava muito doente.

Pergunto-me porque os poderes públicos deixaram de apoiar o PROSEPE?

Porque as pessoas se davam ao trabalho, porque as crianças e as escolas se dedicavam, porque as famílias acarinhavam as iniciativas?... E custava muito pouco ao Estado... As verbas aplicadas eram para a formação e educação da nossa juventude.

Ao rememorar tudo o que sei deste projeto extraordinário e de grande beleza e interesse económico e social, só encontro uma justificação para não o desenvolverem, mas antes, para que ele seja esquecido. É porque era e é bom demais e os responsáveis eram voluntários e não recebiam dinheiro.

O que havia era bem aplicado por todos.

Mas pode haver uma outra razão?!...

Será que o mal da inveja se sobrepõe às boas obras?

Ninguém foi promovido, nem alguém foi louvado, nem as grandes empresas apoiaram e o poder político não encontrou motivo para se servir.

São coisa da nossa Terra, desta Pátria que é nossa, mas às vezes é mais duns do que de outros.

Uma palavra de esperança.

Pode ser que algum Senhor Ministro, mais iluminado repare que esta educação não precisa de grandes gastos e a organização existe.

Porque não reerguê-la? Não custa nada ... É só preciso Vontade Política.

Alvor, 15 de Setembro de 2011.

Folha Viva na Árvore PROSEPE



Paulo Mateus

Diretor Nacional para
a Defesa da Floresta

Autoridade Florestal Nacional

A floresta é essencial ao Homem.

As florestas dão-nos um conjunto muito alargado de bens e serviços que se traduzem em riqueza socioeconómica e desenvolvimento rural, regional, nacional e global.

A madeira para a construção de habitações, o mobiliário, o papel e o cartão, as rolhas de cortiça, as embalagens, os frutos como a castanha e o pinhão, o mel, os cogumelos e as plantas aromáticas e medicinais, a caça e a pesca das águas interiores, o aproveitamento energético da biomassa, são apenas alguns dos múltiplos produtos e serviços que a floresta generosamente nos fornece e que fazem parte integrante da nossa vida atual.

Para além desta dimensão tangível da floresta, existem outras realidades sensoriais que lhe estão associadas, como a fruição da paisagem, do recreio e lazer, como fonte de inspiração artística e espiritual, cheia de simbologias e imersa no nosso imaginário ancestral. A floresta como local protegido por excelência é um símbolo de paz e harmonia entre os Homens, de solidariedade entre povos e gerações.

A floresta é uma fonte renovável de vida, de diversidade biológica animal e vegetal e reserva genética, um símbolo da qualidade ambiental, de sensibilidade, de saúde, de equilíbrio, de beleza e de bem-estar, que assegura benefícios ambientais essenciais e que representa um valor histórico e cultural ímpar que importa proteger, conservar e desenvolver, de forma sustentável.

Mas mais do que tudo, é, enquanto “sujeito”, uma peça fundamental do Planeta Terra, independentemente da existência do Homem.

Garantir a preservação dos espaços florestais é contribuir para o equilíbrio do Todo tal como o conhecemos, cumprindo, com sentido, o papel que nos estará reservado de guardiães do Templo.

Educar e sensibilizar as nossas crianças e adolescentes nas matérias ambientais, nas quais a floresta tem um papel central, é uma tarefa essencial e conduz à integração consciente do Homem no Mundo. Aprender a respeitar a floresta é aprender a Viver.

Os inúmeros relatórios que se têm feito em Portugal continuam, e bem, a enfatizar a importância de educar e sensibilizar a população escolar para a vivência florestal. Muito recentemente, em Julho de 2011, foi finalizado o relatório de monitorização e avaliação do Plano Nacional de Defesa da Floresta Contra Incêndios 2009-2010 onde, uma vez mais se pode ler no capítulo das recomendações de carácter operacional:

“A estratégia de sensibilização dirigida deve potenciar ... e apostar de forma incisiva e global em ações de informação e sensibilização das populações, ..., envolvendo ... a comunidade escolar.”

Portugal tem, felizmente, um projeto de educação e sensibilização da população escolar sobre ambiente/floresta com uma experiência de longos anos – o PROSEPE. É um projeto que, teimosamente, com apoios do Estado ou sem eles, tem mantido ao longo de 18 anos a vontade firme de proporcionar às nossas crianças e adolescentes a aprendizagem daquilo que são as florestas e o ambiente e da importância que estes temas têm na nossa vida e na do nosso planeta.

Os Clubes da Floresta e as atividades anuais desenvolvidas pela comunidade escolar e dinamizadas pelo PROSEPE são um exemplo do Bem que se faz em Portugal.

O N.º 50 do Folha Viva é o testemunho da força PROSEPEana. Muitas foram as atividades efetuadas e participadas pelos clubes da floresta, tão bem relatadas nesta revista ao longo dos anos.

Bem haja o PROSEPE, o seu coordenador nacional, Prof. Luciano Lourenço, os coordenadores distritais e toda a equipa que tem mantido viva a árvore PROSEPE, e bem assim, a sua Folha Viva.

Amigos da Floresta



Armindo Costa
Presidente da
Câmara Municipal de
Vila Nova de Famalicão

Os Clubes da Floresta desempenham um papel de extrema importância no concelho de Vila Nova de Famalicão. Semear, Cuidar, Plantar, Conhecer e Compreender são atitudes espontâneas destes vigilantes da nossa Floresta.

Trabalham arduamente no sentido de preservar e enriquecer o nosso Património Natural. São responsáveis pela sementeira e plantação anual de várias dezenas de espécies autóctones no nosso concelho. É uma honra, sentir de perto tanta energia e empenho em prol das nossas Florestas.

No Ano internacional das Florestas, que é também o ano em que estamos a construir o Parque da Cidade de Vila Nova de Famalicão, com uma área verde superior a 300 mil metros quadrados, felicito os mentores do Projeto de Sensibilização e Educação da População Escolar (PROSEPE) pelos seus vigorosos 18 anos de dedicação.



Amigos do Ambiente



Joaquim Barreto
Presidente da
Câmara Municipal de
Cabeceiras de Basto

Na passagem dos quase 20 anos de atividade, não posso deixar de felicitar os Clubes da Floresta/ PROSEPE pelo trabalho que vêm desenvolvendo, um pouco por todo o país, junto das crianças e jovens.

Um trabalho de sensibilização e de 'militância', que, de forma voluntária, envolve professores e alunos, nesta causa maior de educar para uma melhor cidadania, ambiente e floresta.

Estou certo de que o envolvimento da comunidade educativa neste projeto, contribui positivamente para interiorizar valores e modificar comportamentos, ajudando a formar cidadãos ativos e conscientes, cuja intervenção individual contribuirá futuramente para o bem-estar coletivo.

Cabeceiras de Basto, é um concelho que se orgulha de ter três clubes da floresta – 'Javaleiros', 'Raposalhos' e 'Perdigotos' – que ao longo do ano desenvolvem 'pequenas' ações de 'grande' dimensão ambiental, que perpassam os muros escolares e se propagam às famílias em particular e à comunidade em geral. Uma ação que apoiamos e que muito nos honra.

A todos os que de forma abnegada dinamizam este projeto, bem-haja.



Nobres exemplos



Manuel José Baptista

Presidente da
Câmara Municipal da
Póvoa de Lanhoso

É na herança de um passado rico, repleto de feitos e de personalidades corajosas, que o Município da Póvoa de Lanhoso pretende continuar a escrever a sua história. E é necessariamente a história florestal do nosso concelho, que vamos construindo hoje, que deve refletir a história florestal do passado, a qual, por ter sido tão relevante, importa recuperar.

O projeto PROSEPE, através da criação dos Clubes da Floresta, é um dos mais nobres exemplos de cidadania e proteção da riqueza florestal do nosso país.

Tem permitido, por um lado, educar as nossas crianças e jovens para a valorização dos recursos naturais e, por outro lado, tem contribuído para a formação de cidadãos ativos e responsáveis, que, tal como D. Afonso Henriques ou a Maria da Fonte, lutam por causas e não baixam os braços à destruição impune da nossa floresta.

A C.M. da Póvoa de Lanhoso, acompanha desde o primeiro momento e apoia os quatro Clubes da Floresta do concelho. Certo de que o valioso trabalho dos Milhafrões (E. Sec. da Póvoa de Lanhoso), do Chapim-Real (EB 2,3 Gonçalo Sampaio), do Clube da Pequeneda (EB1 de Porto d'Ave) e dos Pinheiro Vivo (EB 2,3 de Taíde) são fruto de muito trabalho voluntário e da entrega de professores e educadores das nossas escolas, deixo aqui o reconhecimento do Município a todos.

Na esperança de que esta "floresta" de pessoas continue a dar frutos, a C.M. da Póvoa de Lanhoso irá manter o apoio total ao projeto do PROSEPE, através da dinamização de atividades conjuntas de sensibilização e educação ambiental, que permitam educar as nossas crianças para a riqueza do património florestal e para a importância no desenvolvimento sustentável do nosso concelho.

A terminar, desafio as nossas escolas, alunos, professores, pais e educadores no sentido de que, no próximo ano letivo, façam nascer outros Clubes da Floresta no concelho da Póvoa de Lanhoso, de forma a multiplicar o efeito educativo deste projeto.

Floresta, fonte de riqueza



Carlos Marta

Presidente da
Câmara Municipal de
Tondela

Numa breve mensagem dirigida aos participantes na Final Nacional das XI Olimpíadas da Floresta, realizadas em Castelhães, Carlos Marta, Presidente da Câmara Municipal de Tondela, começou por manifestar o muito gosto com que a todos recebia, numa boa iniciativa, que é levada a efeito nas nossas escolas, e agradeceu aos professores, encarregados de educação e às autarquias, o esforço, dinamismo e empenho com que, cada um deles, colabora neste Projeto de Sensibilização e Educação Florestal da População Escolar, o qual dá uma resposta muito significativa às necessidades de preservação da floresta.

De facto, salientou que é na escola que tudo se aprende e, portanto, também é na escola que devemos criar bons hábitos às nossas crianças e aos nossos jovens, para preservar aquilo que temos de melhor e, seguramente, uma das nossas maiores riquezas é, por certo, a floresta.

Por isso, tudo devemos fazer para que ela esteja nas melhores condições, e esse é também o objetivo do PROSEPE, através da sensibilização e formação de cidadãos consciencializados e responsáveis, capazes de preservar e usar corretamente, de forma racional, este recurso natural.

Sendo certo que o esforço, o trabalho, o dinamismo das senhoras e dos senhores professores, nesta comunicação permanente com os nossos jovens, é fundamental para a nossa vida, para a nossa sociedade e para o nosso país, que está em crise e precisa muito desta riqueza natural, pelo que o PROSEPE, um projeto com grande interesse socioeducativo, pedagógico e cívico, só atinge os seus objetivos porque tem professores empenhados, que sabem envolver e motivar os alunos das escolas para uma causa de tão grande importância, face aos flagelos que atacam a nossa floresta.

Por todas estas razões, são de louvar iniciativas como esta, bem como todo o trabalho desenvolvido pelo projeto, de forma persistente e continuada. Parabéns aos organizadores desta nobre atividade e vida longa para o PROSEPE.

Extrato da mensagem dirigida aos participantes na Final das XI Olimpíadas da Floresta, adaptado de "O Beirão Online"
(http://obeirao.net/jornal/index.php?option=com_content&task=view&id=1450&Itemid=210)

Nobreza de objetivos



Tinoco Ferreira

Comando Territorial de Braga

Verificando-se este ano o décimo oitavo aniversário do “PROSEPE”, na minha qualidade de oficial da GNR que desempenhou as mais importantes funções de chefia na vertente ambiental, no Comando Territorial de Braga, não posso deixar de destacar esta efeméride, sobretudo pela extrema relevância que este projeto desenvolve na sensibilização e educação florestal, ambiental e para a cidadania.

A Missão da Guarda Nacional Republicana contempla importantes áreas que se identificam com os objetivos do PROSEPE e dessa identidade tem resultado uma estreita colaboração e mesmo parecerias para a realização dos mais diversos eventos, nomeadamente nas ações que levamos a cabo nas escolas, no âmbito da Escola Segura e outros programas, e no apoio que temos dado aos Encontros Distritais da Floresta, que anualmente, se realizam no distrito de Braga. Consideramos, também, que sensibilizar a população escolar para uma melhor gestão dos recursos naturais e para

uma atitude proativa a nível ambiental, rodoviário, para a segurança e para a cidadania é uma importante aposta estratégica e a GNR tem aqui uma intervenção que muito nos apraz registar e de que nos orgulhamos, por sentirmos que estamos a contribuir para uma causa comum – a de procurar a segurança e bem-estar das nossas populações e das gerações futuras.

A participação nos vossos projetos, para além de constituir um momento importante de realização das atribuições que legalmente nos estão confiadas, serve um outro importante objetivo, que é o de divulgar a nossa missão, potencialidades e valências, bem como projetar a imagem da nossa Instituição, especialmente na população estudantil, o que constitui uma mais-valia para futuros processos de seleção de candidatos ao serviço policial.

Reitero os meus sinceros parabéns aos Clubes da Floresta/PROSEPE, que comemoram 18 anos de existência, pela nobreza dos valores que prosseguem e pela importantíssima obra já realizada ao nível da formação para a cidadania e para a defesa do ambiente e da floresta.

Bem hajam todos aqueles que entusiasticamente e de forma voluntária e desinteressada se dedicam à melhoria das condições da vida em sociedade.



Encontros Distritais com Alegria



Jorge Parracho,
ex-Coordenador do
Gabinete de Segurança
do Ministério da Educação

Pedi-me o Dr. Jorge Lage, Coordenador Distrital dos Clubes da Floresta de Braga, com quem tive o prazer de trabalhar, quando coordenava o Gabinete de Segurança do Ministério da Educação, para lhes relatar um pouco a minha experiência. Acompanhei de perto o PROSEPE/Clubes da Floresta porque fui convidado, várias vezes, para os Encontros Distritais de Braga, que apoiava com uma equipa de guardas-escolares, do Gabinete de Segurança, que cumpriu sempre a sua missão com muito empenho.

Por isso, posso dizer que os múltiplos objetivos têm sido de muito interesse e utilidade nas vertentes cívica, ambiental e económica pela produtividade da Floresta.

O que mais me surpreende nos Encontros Distritais é a sua organização em todos os aspetos, desde a escolha dos locais, à eficaz coordenação das operações, à grande disciplina, à segurança impecável e à articulação da logística, sendo chaves do sucesso.

Mas, o que mais me impressionou mesmo e em síntese, foi o interesse, o entusiasmo e a alegria dos participantes. A própria consciencialização cívica dos Alunos (jovens e crianças) e a grande responsabilidade e interiorização dos objetivos dos Encontros Distritais, que cumpriam com realismo e amor, por respeito à Natureza. Em cada etapa da programação, Alunos e Professores cumprem as tarefas com grande alegria, demonstrando que interiorizaram bem a aprendizagem e a descoberta de saberes ao longo de cada ano letivo.

Em resumo, interiorizam, além da componente cívica, uma sólida formação humanista, seja na vertente humana, seja nos aspetos ambientais, da fauna e da flora, em que a Floresta ocupa o topo das preocupações, como bem inestimável a defender e a preservar.

Assim, é possível combaterem-se os incêndios florestais prevenindo-os pela educação, isto é, desenvolvendo nos Alunos valores e comportamentos por um mundo melhor, em que a biodiversidade é cada vez mais cara.

Por isso, é uma honra associar-me com este singelo depoimento à comemoração dos dezoito anos dos Clubes da Floresta, saudando os Professores e Alunos que se entregam generosa e voluntariamente a esta nobre causa pública, em especial à alma deste Projeto, o Professor universitário Luciano Lourenço.



Clubes da Floresta - uma experiência única



Sérgio P. Jerónimo

Associação Florestal
do Cávado

Contando a nossa colaboração já com alguns anos, é com uma relação mais próxima do que a meramente profissional que este texto é escrito.

Encontrar, em quem não tem na Floresta a profissão, um carinho e uma paixão por ela que parece suplantar a nossa, não é um acontecimento comum. Quando isso acontece, e se reconhece um conhecimento profundo da floresta e das suas espécies, como se trata neste caso, estamos perante um caso único.

Os vários Clubes da Floresta com que contactámos, e naqueles com quem trabalhamos mais de perto, encontrámos sempre pessoas com uma vontade de partilhar saberes e de ensinar que acredito fazerem a diferença no Ensino, em Portugal. E ter o conhecimento, mas não o conseguir transmitir, é um defeito grave, que não parece encontrar-se nestes professores, aliás, Educadores.

Para mim um Educador é bem mais que um professor, pois transmite toda uma postura e maneira de estar na vida que enriquece quem está à sua volta. E este foi o traço comum que encontrei em todos os Educadores que estão envolvidos, com os Alunos, nos Clubes da Floresta.

A oportunidade que tivemos de sensibilizar as próximas gerações, para as questões florestais e ambientais, é algo em que não nos podemos acanhar, e que chamamos a nós em cada oportunidade. Temas diferentes, em resposta às várias solicitações, permitem-nos relembrar matérias, por vezes mais perdidas na memória, e, por isso, também fica aqui uma palavra de agradecimento.

Olhando para os meus tempos de escola, é reconfortante ver que tantos aspetos mudaram, tendo-se tornado um local mais cativante, integrante mesmo, e que procura mostrar todo um amplo mundo que os livros não conseguem transmitir, levando os alunos a desenvolverem iniciativas porta fora, na Floresta e em espaços públicos. Aqui sim, acredito terem estes Educadores um papel que faz a diferença na preparação do futuro deste nosso Portugal.



Em prol da Floresta...



Manuela Freitas

Responsável do
Gabinete Técnico Florestal
Câmara Municipal
da Póvoa de Lanhoso

O Projeto PROSEPE tem sido, ao longo de quase 20 anos, um caso de sucesso, porque resulta de um trabalho em equipa, de partilha de esforços, experiências e recursos entre todos. Tal qual uma Floresta, que apenas existe se for constituída por um conjunto de árvores, e não, apenas, por uma árvore isolada, apresenta-se compacto e dinâmico.

O primeiro contacto que tive com o Projeto foi em 2005, numa palestra onde estavam presentes alunos dos Clubes da Floresta. E foi nesse momento que percebi a sensibilidade e conhecimento das crianças envolvidas, pelo tipo de questões colocadas, pelas observações partilhadas e, principalmente, pela postura em sala de aula.

No entanto, foi durante o apoio à organização do VI Encontro Distrital de Clubes da Floresta, em Maio de 2006, que decorreu no Carvalho de Calvos – Póvoa de Lanhoso, que tive a percepção real do potencial humano envolvido neste projeto e a entrega total de professores e educadores em prol da Floresta. Desde essa data que o trabalho que tem vindo a ser desenvolvido, ao longo dos anos, com as escolas do concelho da Póvoa de Lanhoso só tem um saldo positivo, devido ao máximo empenho dos professores coordenadores, adjuntos e colaboradores, dos Clubes da Floresta. Exemplo disso é o bosque da Escola Gonçalo Sampaio, único nos espaços escolares do distrito, bem como a interação dos vários Clubes da Floresta, que colaboram nas atividades e iniciativas do município.

Todavia, não podemos esquecer que são os alunos, crianças, adolescentes e jovens, a razão e força motora do PROSEPE. É com eles e para eles, que trabalhamos e nos divertimos. Sim, porque Floresta também é divertimento, alegria e convívio, mas também responsabilidade, cidadania e amor ao próximo. Crescer numa sociedade que valoriza os seus recursos naturais irá certamente criar adultos de elevada cidadania. E é nesta perspectiva que o nosso trabalho, como técnica florestal da autarquia se desenvolve e se torna francamente compensador.

Foi inesquecível, quando em 2009, me desloquei a uma escola do ensino básico, no âmbito das comemorações do Dia Mundial da Floresta, e uma das professoras presentes comentou que uma das alunas, quando percebeu que tínhamos chegado à escola para uma ação de sensibilização florestal, se escondeu e levou com ela a árvore envasada que tinha plantado no ano anterior, no dia da Floresta Autóctone. A aluna, que cuidou da árvore como tutora, recebeu que lhe fosse retirada.

Espero que o futuro permita dar continuidade aos projetos iniciados e que as nossas ações perdurem no tempo e na mudança de atitude destas crianças e dos seus familiares, para que, como o Carvalho de Calvos, sigam o seu exemplo, que ultrapassando 500 anos de idade, constitui um símbolo de perseverança, imponência, sabedoria e memória.

Parabéns a todos os que, voluntária e diariamente trabalham neste nobre Projeto e permitem a sua continuidade! Eu comprometo-me a trabalhar com o PROSEPE nos próximos 20 anos.



Biodiversidade: Floresta,



Jorge Paiva

Centro de Ecologia Funcional
Universidade de Coimbra

Infelizmente, muito pouca gente tem a preocupação de educar “ambientalmente” as crianças e até os próprios filhos. Isto é, educar as crianças e, depois, também os adolescentes e jovens, de modo a que se apercebam de que, para viver, a nossa espécie precisa dos animais, das plantas e de outros seres vivos que habitam o Globo Terrestre (a enorme “Gaiola” onde vivemos), bem como de que não poderemos sobreviver, se continuarmos a poluir este Globo (Planeta Terra) da maneira como temos vindo a fazer e, ainda, de que a água é imprescindível à vida, isto é, se a Terra não tivesse água, não seria possível haver vida neste planeta.

À primeira vista parece ser uma tarefa difícil, quando é extremamente fácil, desde que se expliquem os fenómenos relacionados com a vida de uma maneira clara e sem o uso de termos ininteligíveis para as crianças. Não só a minha experiência em ações de educação ambiental que faço há muitos anos (já fiz mais de milhar e meio destas ações), desde o ensino pré-primário ao universitário e público em geral, como também os respetivos resultados, são o indicativo que, afinal, não é difícil fazer entender, a qualquer pessoa, os fenómenos vitais que decorrem no Globo Terrestre e como a atividade humana (ação antrópica) os influencia, a maioria das vezes, de uma maneira nefasta, até para a sobrevivência da própria espécie humana.

A relevância dos Seres Vivos (Biodiversidade)

É fácil demonstrar que todos os seres vivos (Biodiversidade) são fundamentais para a nossa vida.

Qualquer criança em idade escolar (mesmo da pré-primária) entende que precisa de comer para viver e crescer e que a comida é constituída por material biológico (vegetal, animal e de outros seres).

Primeiro, explica-se-lhes que o veículo automóvel, que os transporta para a Escola, necessita de combustível (geralmente gasolina ou gasóleo ou gás ou álcool ou, até o óleo que já não serve para os cozinhados) que colocamos no respetivo depósito. É também fundamental mostrar-lhes que esses carburantes (gasolina, gasóleo, álcool, gás, etc.) são compostos orgânicos com Carbono (C), Hidrogénio (H₂) e Oxigénio (O₂).

A seguir, explicar-lhes que o veículo só se move depois de se “dar ao motor de arranque”, produzindo uma faísca, que vai “queimar” o combustível (combustão) libertando-se calor (reação química exotérmica), que é a energia que faz trabalhar o motor, que, por sua vez, faz “andar” (deslocar) o veículo.

Depois, é só explicar que qualquer um destes motores (mecânicos) para trabalhar, precisa, portanto, de um combustível (fig. 1) que, através de reações químicas (combustão), liberta calor (energia) suficiente para que o motor “trabalhe”.

Também é preciso mostrar-lhes que, quando é necessário que o automóvel ande mais depressa, é fundamental acelerar a combustão, libertar mais calor (energia). Assim, no motor pode até haver calor a mais e, sendo assim, é preciso arrefecê-lo, o que se faz geralmente com água, que se coloca no radiador. De igual modo, é preciso demonstrar que quanto mais depressa anda o automóvel, mais carburante gasta (consome).

Água, Vida e as Crianças

Finalmente, é necessário mostrar que a combustão é uma reação química e, como consequência, formam-se outros compostos (tóxicos, como o gás carbônico), que são expelidos pelo tubo de escape.

Seguidamente, chama-se-lhes à atenção para o nosso corpo, que tem vários “motores” (biológicos) (fig. 1). Todas as crianças sabem que o coração é um “motor” que está sempre a “bater” (trabalhar) e que não pode parar. Quando pára, morre-se. Se o coração é um motor, tem de haver um combustível para que este motor trabalhe. É só perguntar-lhes qual o combustível que temos que meter no “depósito” do nosso corpo (estômago), que eles, quase sem exceção, respondem que é a comida.



Fig. 1 – Combustíveis e motores mecânicos e biológicos.

Depois é só mostrar-lhes que a comida não é de plástico, nem são pedras, mas sim, fundamentalmente, produtos vegetais e animais. Essa comida que ingerimos é transformada no nosso organismo em energia (calor), através de reações exotérmicas (digestão) semelhantes à referida combustão, que vai fazer com que os vários motores do nosso corpo, entre os quais o coração e os pulmões, trabalhem e nos mantenham vivos.

Quando corremos, acontece-nos o mesmo que aos automóveis, consumimos mais combustível (emagrecemos, por isso os corredores e atletas comem mais do que as outras pessoas e não engordam) e produzimos mais calor, por isso, arrefecemos o nosso corpo com o suor. Assim, transpiramos mais quando corremos, do que quando andamos normalmente ou estamos parados.

A transpiração (maioritariamente água) faz o papel da água do radiador do veículo automóvel.

Deste modo, qualquer criança entende que os outros seres vivos (Biodiversidade) são a nossa “gasolina” (combustível) e que se não os protegemos e eles vierem a desaparecer do Globo Terrestre, também nós vamos desaparecer, por ficarmos sem combustível.

Na comida estão as substâncias combustíveis com Carbono (C), Hidrogénio (H_2) e Oxigénio (O_2), como são os hidratos de carbono (açúcares, farinhas, etc.), lípidos (gorduras, como o azeite, a manteiga, etc.) e proteínas (na carne, no peixe, nas leguminosas, como o feijão, a fava, a ervilha, etc.). Estas últimas têm mais um elemento, o Azoto (N_2), que, apesar de nos ser muito útil em reduzida quantidade, é muito tóxico. Da mesma maneira que acontece com os veículos automóveis, da comida que ingerimos fazemos a digestão (o equivalente à combustão) e, como são reações químicas, formam-se outros compostos, que são expelidos do nosso corpo sob a forma de fezes, tal como acontece com o escape dos automóveis. Mas nós temos de ter outro escape para o azoto, que é a urina, que os motores mecânicos não têm, pois não necessitam de substâncias com Azoto (N_2), as proteínas (ninguém põe nos depósitos dos automóveis bifes e peixe), pois não crescem, como os seres vivos.

Depois, chamar-lhes, ainda, à atenção para o facto de todos os seres vivos necessitarem dessas substâncias orgânicas como nutrientes (“combustíveis”). As plantas, porém, não precisam de comer, porque são os únicos seres vivos que são capazes de as sintetizar (produzir) através de reações químicas endotérmicas (ex.: a fotossíntese), “aproveitando”, para isso, o calor (energia) do Sol (a fonte de energia que aquece o Planeta Terra) com a ajuda de substâncias (CO_2 e H_2O) existentes na atmosfera.

Biodiversidade: Floresta,

Como se trata de reações químicas, formam-se outras substâncias (entre elas o oxigénio), que elas expõem (fig. 2). Portanto, as plantas ao consumirem CO_2 , estão a despoluir a atmosfera e ao libertarem O_2 , que precisamos para respirar, são fábricas naturais de oxigénio.

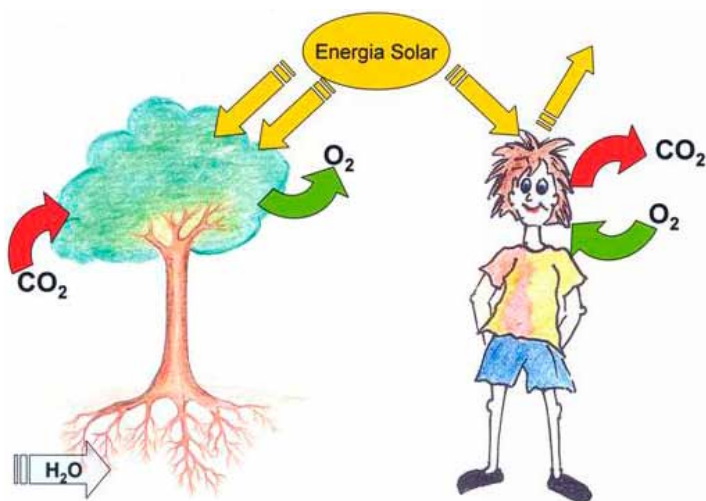


Fig. 2 – O ciclo do carbono e do oxigénio.

Como os animais não são capazes de fazer isso, têm que comer plantas (animais herbívoros) para terem produtos energéticos ou, então, comerem animais que já tenham comido plantas (animais carnívoros). Nós, espécie humana, tanto comemos plantas (fig. 3) como animais (fig. 4 e 5), por isso, dizemos que somos omnívoros.



Fig. 3 – Alimentos de origem vegetal.



Fig. 4 - Animais para alimentação humana.



Fig. 5.A–Funchal. Mercado de frutas e legumes.



Fig. 5.B –Funchal. Mercado do peixe,.

Como se pode correr o risco das crianças pensarem que os animais e as plantas só são importantes na nossa alimentação e, dessa maneira, pensarem que só é necessário proteger

Água, Vida e as Crianças

os animais e as plantas que utilizamos na alimentação, é fundamental mostrar-lhes que também dependemos dos outros seres vivos em muitas mais circunstâncias.

De facto, os seres vivos não são, apenas, as nossas fontes alimentares, fornecem-nos muito mais do que isso, como, por exemplo, substâncias salutaras (cerca de 90% dos medicamentos são de origem biológica, sendo mais de 70% extraídos de plantas), vestuário (praticamente tudo que vestimos é de origem animal ou vegetal), energia (lenha, petróleo, cera, resinas, etc.), materiais de construção (madeiras), etc. Até grande parte da energia eléctrica que consumimos, não seria possível sem a contribuição dos outros seres vivos, pois, embora a energia eléctrica possa estar a ser produzida pela água de uma albufeira ou pelo vento num aerogerador, estes fluidos fazem mover as turbinas e estas precisam de óleos lubrificantes, que são extraídos do crude (petróleo bruto), que é de origem biológica.

Enfim, sem o Património Biológico não comíamos, não nos vestíamos, não tínhamos medicamentos, luz eléctrica, energia, etc.

A importância das Florestas

É também preciso realçar-lhes que entre as plantas, há enormes diferenças na quantidade de biomassa que produzem e no volume de gás carbónico (CO_2) que retiram da atmosfera e o de oxigénio (O_2) que libertam, como, por exemplo entre o que produz uma pequena erva anual, como a couve, e uma árvore que está todo o ano ao sol. Entre as árvores, as maiores produtoras são as árvores da floresta tropical de chuva (*pluvissilva*) (fig. 6), pois, por se encontrarem nas zonas equatoriais, têm o Sol não só praticamente na vertical, como tiram proveito de maior luminosidade, por os dias serem praticamente iguais durante todo ano.



Fig. 6.A – Vista da *Pluvissilva* (Amazónia do Perú).



Fig. 6.B – Vista da *Pluvissilva* (S. Tomé).

Biodiversidade: Floresta,

É, por isso, que é nestas florestas que não só se encontram os maiores seres vivos terrestres (árvores com 6000 toneladas), mas também são as florestas de maior biomassa vegetal. Portanto, são as florestas que podem alimentar tanto os maiores herbívoros terrestres (elefantes), como a maior quantidade de outros herbívoros (ex.: manadas de búfalos) (fig. 7) e uma enorme diversidade de organismos. As florestas tropicais são, pois, os ecossistemas terrestres de maior Biodiversidade e são o “pulmão” do Globo por ser aí que se produz o maior volume de oxigénio (O_2) e são, ainda, a região com maior ação “purificadora” do ar, por ser aí que as plantas absorvem o maior volume de gás carbónico (CO_2).



Fig. 7 – Manada de búfalos (Moçambique).

Portanto, as florestas como têm muitas árvores, são os ecossistemas terrestres de maior Biodiversidade, com maior ação despoluidora e onde se encontram as maiores fábricas naturais de oxigénio (as árvores). É, pois fundamental para a sobrevivência da Humanidade preservá-las e não destruí-las, como temos vindo a fazer.

A Floresta Portuguesa

Contam-se e aprendem-se muitas histórias durante a nossa vida. Na infância, são histórias muito variadas para entretenimento ou para uma

melhor integração das crianças no meio em que vivem. Nos estabelecimentos de ensino, aprende-se a história do nosso país, a história universal, um pouco de história da literatura, da poesia, das ciências, das religiões, etc., mas nunca se conta a história da nossa floresta e, desta maneira, as nossas crianças julgam que as florestas de Portugal Continental são os pinhais e os eucaliptais.

É, pois, necessário, contar-lhes a história da nossa floresta, mesmo de modo muito resumido, e mostrar-lhes que a nossa floresta até nos foi muito útil, por exemplo, para acoitarmos os nossos exércitos nas pelejas contra os mouros, assim como também o fizeram os franceses, que acoitaram os seus exércitos clandestinos no “*maquis*”, na luta contra a ocupação alemã, durante a última Grande Guerra e, também, os vietnamitas, que se acoitaram nas florestas tropicais na guerra contra os americanos.

Resumidamente, trata-se de mostrar-lhes que Portugal Continental, antes das glaciações, tinha, pelo menos, as montanhas cobertas de florestas sempre-verdes (*laurisilva*) como as relíquias que ainda se vêem nalgumas regiões da Madeira (fig. 8), e durante a última glaciação teve uma cobertura florestal semelhante à atual taiga (fig. 9), do norte do continente euro-asiático e norte-americano, que foram naturalmente substituídas por florestas mistas (*fagosilva*) de árvores sempre-verdes e caducifólias (fig 10), transformando o país, praticamente, num imenso carvalhal caducifólio (alvarinho, e negral) a norte do Tejo e perenifólio (azinheira e sobreiro) para sul.



Fig. 8 – Aspecto da *Laurisilva* (Madeira).

Água, Vida e as Crianças



Fig. 9 – Aspecto da taiga.

Por destruição dessas florestas, as nossas montanhas passaram a estar predominantemente cobertas por matos de urzes, giestas, tojos, torgas e carqueja (fig. 11). Principalmente, a partir do século XIX, foram artificialmente rearborizadas com pinheiro bravo, o que as transformou em imensos pinhais (fig. 12). A partir de meados do século passado (séc. XX), com os incêndios (fig. 13) e novas rearborizações, principalmente com eucaliptos, parte dessas montanhas e algumas zonas ribatejanas e alentejanas (fig 14) estão já transformadas em imensos eucaliptais (Portugal tem, atualmente, a maior área de eucaliptal da Europa) e acaciais, estando já algumas montanhas transformadas em zonas desérticas, plenas de pedregulhos.



Fig 10.A – *Fagosilva*. Vista geral da Mata da Margaraça (Arganil).



Fig. 11 – Tojal-Urzal (Serra do Açor).



Fig. 10.B – *Fagosilva*. Pormenor da Mata da Margaraça (Arganil).



Fig. 12 – Pinhal (Serra do Açor).

Biodiversidade: Floresta,



Fig. 13 – Incêndio florestal, nos arredores de Coimbra.



Fig. 14 – Eucaliptal (Serra de Ossa).

Portanto, é preciso mostrar-lhes que, nos tempos de Viriato, Portugal Continental estava coberto de um imenso carvalhal, caducifólio a norte do Tejo e perenifólio para sul, onde ele e os seus “soldados” se escondiam, conseguindo assim, defenderem-se dos romanos. Carvalhal esse que também foi importante, no início da nossa nacionalidade, na luta contra os sarracenos.

A Água e a Vida

Finalmente, é fundamental demonstrar, com exemplos simples, que sem água não há vida e que o corpo dos seres vivos é maioritariamente constituído por água.

O primeiro caso é de fácil demonstração. Mostra-se-lhes que se deitarmos sementes em

dois vasos com terra, mas só regarmos um deles, apenas nascerão plantas no que foi regado. Outro exemplo é mostrar-lhes que nos desertos puros, onde não há água, nem chove, não há vida e que, pelo contrário, nos oceanos, lagos, pântanos e rios pululam seres vivos.

O segundo caso, também é de fácil demonstração. Basta dizer-lhes que a espécie humana é capaz de sobreviver, sem comer, durante 2 a 3 meses, desde que se movimente o mínimo possível, para não consumir o combustível (gorduras, açúcares e proteínas) que tem acumulado no corpo.

De facto, uma pessoa, em greve de fome, emagrece. Mas, não há ninguém que faça greve de sede, pois, não aguentaria mais do que 2 a 3 dias vivo. Também, quando uma pessoa está muito doente e não pode abrir a boca, para mantê-la viva, dão-lhe soro intravenoso, que é fundamentalmente água.

Há um Museu na Corunha (Espanha), designado por DOMUS, que quer dizer casa (a nossa casa, isto é o nosso corpo), onde há uma balança que, antes de nos fornecer o nosso peso, faz algumas perguntas, como a nossa altura, o que trazemos vestido e a nossa idade. Depois dá-nos o nosso peso. No meu caso, que tenho 1,72 m de altura, ela forneceu-me assim o meu peso: peso total - 70 kg, dos quais 42 kg são de água, 12 kg de gorduras, 12 kg de proteínas, 2 kg de açúcares e 2 kg de outras substâncias. Isto é, a maior parte do meu peso (60%), é de água. E, isto é assim com todos os seres vivos. Numa célula viva de qualquer ser vivo, dos compostos químicos que a constituem, mais de 50% é água.

É por isso que, em todo o Globo Terrestre, é fundamental preservar as Zonas Húmidas, não só por conterem uma grande diversidade e quantidade de seres vivos, como também por serem reservas de água, muito importante para nós e para os seres vivos de que dependemos.

Água, Vida e as Crianças

Infelizmente, estamos, há séculos, a fazer desaparecer grandes áreas de Zonas Húmidas. A drenagem de zonas alagadiças ou pantanosas não é uma prática moderna, já que se encontram provas arqueológicas disso, como a drenagem efetuada pelos etruscos dos amplos charcos em volta da colina onde se fundou Roma. Quando se procedeu à drenagem maciça de extensas áreas húmidas, por exemplo, no Languedoc-Roussillon (S de França) e na Pianura Pontina (SW de Itália), ignoravam-se os danos que daí adviriam.

Por outro lado, com a “revolução industrial” iniciou-se a poluição do Globo, agravada, durante a segunda metade do século passado, com a “revolução verde” da agricultura. Assim, abarrotaram-se extensas Zonas Húmidas de produtos químicos nocivos, como pesticidas, agro-químicos, detergentes, nitratos, iões metálicos e muitos outros compostos vertidos por efluentes urbanos e industriais sem tratamento prévio.

Como as crianças muito bem sabem, a nossa espécie só pode utilizar água potável (fig. 15). Não podemos beber a água da pocilga de um porco, nem do bebedouro de uma vaca. A água, desde que esteja poluída, pode matar ou provocar doenças, algumas das quais, posteriormente, muitas vezes levam à morte.

Atualmente, efeitos drásticos, nas áreas húmidas, estão também a ser produzidos por outras “pragas” da civilização, como a “regularização” de rios, abuso de pesticidas e adubos químicos nos campos de cultivo, construção de portos, vias rodoviárias e ferroviárias, urbanizações sem nexo, etc.

É preciso mostrar-lhes, com um esquema fácil, que a água que se encontra na Biosfera é sempre a mesma. Do subsolo vai para as fontes, rios e oceanos e corpo dos seres vivos; daí evapora-se, vai para a atmosfera, onde se condensa em nuvens e volta para o solo com a chuva. É, pois, sempre a mesma (fig. 16).



Fig. 16 – Ciclo da Água da Biosfera.



Fig. 15.A – Água potável (Serra do Gerês).



Fig. 15.B – Água não potável para a espécie humana (Quênia).

Biodiversidade: Floresta,

Se poluímos a água no solo, ela pode evaporar-se quase pura, mas se poluímos a atmosfera terrestre, como a estamos a poluir, a água, quando se condensa nas nuvens, mistura-se com produtos químicos poluentes e, por conseguinte, a água da chuva vai, assim, poluir os solos, as águas das fontes e rios.

Por isso, temos que, obrigatoriamente, filtrar os efluentes gasosos das chaminés industriais e dos escapes dos veículos automóveis, e os efluentes líquidos de todos os esgotos. O argumento de que estes processos são dispendiosos não é aceitável, pois a nossa espécie só consegue beber água potável.

A Gaiola Global

Também temos que ensinar às crianças que não podemos continuar a poluir o Globo Terrestre como temos vindo a fazer, pois podemos atingir um estado de poluição tal que, depois, não será possível a vivência humana na Terra.

Então, devemos dar-lhes exemplos simples para eles entenderem isso. Como, normalmente, as crianças gostam de ter um passarinho em casa, geralmente metido numa gaiola, devemos demonstrar-lhes que para uma ave sobreviver dentro de uma gaiola é fundamental mantê-la limpa. Se, porventura, a gaiola nunca for limpa, a ave acabará por morrer atulhada no lixo acumulado ou intoxicada por agentes químicos concentrados na água e na comida ou, ainda, por qualquer doença provocada por agentes patogénicos que, entretanto, se multiplicaram na lixeira.

A grande maioria das pessoas não tem a percepção de que vivemos numa grande gaiola (Planeta Terra). Para sobrevivermos nesta gaiola global (fig. 17) é fundamental mantê-la limpa. Não podemos continuar a abarrotar este planeta com lixo, senão acontecer-nos-á o mesmo que à ave engaiolada: a morte.



Fig. 17 – A G

Infelizmente, a quase totalidade das pessoas desta gigantesca gaiola (Globo Terrestre) não tem a mínima consciência disso. São pessoas inconscientes, nomeadamente os políticos, que se preocupam exclusivamente com a produção económica durante a vigência dos seus mandatos, sem se importarem nem com os elevados níveis de poluição produzidos pela atual industrialização, nem com as gerações futuras.

Depois, é preciso explicar-lhes que há várias maneiras de poluirmos cada vez menos.

Água, Vida e as Crianças



Gaiola Global.

Uma dessas maneiras é educar as pessoas a produzirem a menor quantidade de lixo possível. Para as crianças perceberem isso, podem dar-se-lhes vários exemplos, tais como os de não usar detergentes para lavar os pratos utilizados apenas para a fruta da sobremesa (não têm gordura) ou de utilizar a menor quantidade de sacos de plástico, quando se vai às compras nos supermercados (exemplo: as maçãs, as peras e outras frutas duras, não precisam de vir separadas em vários sacos, pois não se estragam).

Também é necessário explicar-lhes o que é a reciclagem e que, na Natureza, isso é um fenómeno natural. Basta dar-lhes o exemplo das savanas africanas, onde o que resta dos animais mortos é reciclado pelos necrófagos e que as fezes são recicladas por insectos, como os escaravelhos, etc.

Mostrar-lhes como o nosso povo sempre utilizou a famigerada técnica dos 3R's:

- Reutilizar: depois de apanharem os cereais (milho, centeio, etc.), as populações rurais utilizavam a palha para alimentar o gado e, a que não era comestível, era utilizada para a “cama” do gado, que, depois, reutilizavam como estrume;
- Reciclar: todo o material dessa “cama” do gado era reciclado, pois o estrume, posto na terra dos campos, é transformado por seres vivos, de modo a que as plantas o possam aproveitar para crescerem fortes;
- Reduzir: desta maneira e também porque utilizavam sacos de panos, que são laváveis, e, portanto, reutilizáveis, produziam tão pouco lixo que, nas nossas aldeias, não havia contentores de lixo por não serem necessários.

É, pois, fundamental, mostrar-lhes que nos encontramos numa sociedade controlada pelo poder económico sem escrúpulos e regida por políticos ignorantes e, muitas vezes, corruptos. Se continuarmos a poluir a gaiola gigante (Terra) em que vivemos, as futuras gerações não terão condições de sobrevivência.

Se conseguirmos, desta maneira, educar bem e claramente as nossas crianças, talvez as próximas gerações se tornem mais conscientes e sejam geridas por políticos não associados ao poder económico, de modo a poluir, no mínimo possível, este Planeta onde a Humanidade se encontra engaiolada.



José Hermínio Machado

Professor (grupo 200)
Escola Francisco Sanches, Braga

O projeto de sensibilização da população escolar para as questões da floresta, o acrónimo PROSEPE, veio para ficar e, diz o apresentador em palco, foi o projeto mais inovador na área da educação depois do 25 de Abril, ao que contrapõe o assistente incomodado que foi um projeto na linha do deslizamento progressivo dos terrenos educativos para outro lugar que não o das aprendizagens e aqui temos nós o núcleo da polémica: o PROSEPE é ou não um projeto consistente e indutor da espetacularidade escolar naquela dimensão de palco que a idade contemporânea nos impôs? Eu creio que sim e tenho argumentos para justificar.

Aderi ao projeto na primeira leva de clubes, nomeando-se o meu, ali na EB 2,3 Francisco Sanches, de «Clube (da Floresta) da Grande Tília» por via de uma frondosa árvore, entre outras, que ocupa o miolo do recreio entre dois pavilhões, um ginásio e outro feito de uma antiga capela do ex-colégio de Nossa Senhora da Conceição, tudo em Braga, como já adivinhou o leitor.

O começo do projeto veio marcado pela vontade institucional de dotar os clubes de cores em camisolas, lenços de pescoço e bonés, de bandeiras, logótipos e símbolos ou emblemas, para, logo desde a primeira apresentação em Santarém, impressionar a plateia, ou seja, o país.

Não faltou quem visse em tais preparos umas reminiscências iludidas da mocidade portuguesa ou umas parecenças com aqueles regimentos de jovens pioneiros, duas imagens próprias de países em ditadura com enquadramento compulsivo das

camadas jovens. Todavia, as similaridades formais quando se associam à liberdade de expressão e de estudo não passam disso mesmo e fazem emergir capacidades cívicas onde se suspeitava que houvesse apenas condicionamentos.



Foi para se dimensionar como área de estudo e de aplicação de conhecimentos que o PROSEPE se gerou e ganhou raízes: as questões da floresta abriam então, como ainda hoje, uma dimensão transversal de estudo e de concretização de conhecimentos, desde as etapas iniciais aos anos mais avançados da escolaridade básica e secundária: os clubes proporcionavam uma dimensão transversal às idades escolares e uma dimensão vertical aos conteúdos programáticos, eles próprios decorrentes das várias áreas disciplinares.



do PROSEPE

Esta espetacularidade de identidade formal ainda se mantém, embora muito mitigada, seja pela crise dos orçamentos, seja pela vontade de sustentação de tais práticas, mas o que é certo é que ela funcionou mais para o bem do que para a limitação de vontades: catapultou professores e jovens para uma identidade de projeto: os clubes passaram a integrar uma dimensão do espetáculo, da exibição, da mostra pública de resultados ou de intenções.

Mas uma coisa é implementar nas escolas esta ideia de um clube ou projeto trans e interdisciplinar, outra coisa é instalar a escola em termos curriculares como clube. Os excessos de dose matam a doença e o doente. Mas não vou entrar por aqui, que agora tornou-se mais fácil criticar a organização curricular de entretenimento que se instalou, com prejuízo para esta dimensão da vida que é o saber construir conteúdos que nos entretenham.

Nas escolas, os clubes (da Floresta) PROSEPE fizeram mil e uma iniciativas, muitas frágeis e temporárias, outras mais consistentes, como bosques e jardins, hortas e reservas, campanhas de proteção ou de preservação de plantas e animais, edições e publicações avulsas, textos e canções, filmes e teatros, caminhadas e visitas de estudo, passeios e tertúlias, histórias e programas de rádio.

Os encontros nacionais e regionais tiveram desde o início a perspectiva do palco como lugar de representação, lugar de passagem e de exibição de vontades e de personalidades.



Um palco tem todas as virtudes e todos os defeitos das sociedades que os montam e em que se montam, portanto de nada adianta culpar o palco quando as coisas não correm bem ou quando as pessoas não cumprem as suas obrigações. O palco funciona como o algodão, não engana, e põe à mostra a qualidade dos desempenhos.

Os clubes desenvolvem atividades e gostam de as mostrar aos outros, os clubes precisam de ver no palco a concretização da dimensão espetacular que a vida tem e de que a vida precisa para se motivar e para se compensar com o reconhecimento dos outros. Miúdos e graúdos sentiram ao longo destes anos os desafios do palco: umas vezes esmaga, outras vezes expande, umas vezes dilui e apaga, outras vezes repercute e engrandece. O palco é um desafio, requer sempre mais e melhor preparação pessoal e de grupo. A passagem pelo palco amarga experiências fáceis de boca.

Há ainda muito caminho a fazer para que o palco seja a montra indutora de mais empenhamento, de melhores desempenhos, de mais conteúdos. Até para aquela manifestação das personalidades que lideram os eventos ou que promovem as iniciativas: no palco revelam-se pormenores de personalidade que importa transformar em valores positivos para os jovens: todas as vaidades cansam, mas os bons exemplos ficam, ninguém se esqueça.

O palco é ponto de chegada dos conteúdos e ponto de partida para novas motivações. Seja uma canção, seja uma história, seja uma representação, seja um poema, seja um coro, seja uma passagem de modelos, seja um debate, seja uma comunicação, a espetacularidade obriga ao desempenho estético e artístico. E aqui é que tudo bate: a qualidade do desempenho é um conteúdo de formação, precisa de estudo e de treino, estudo e treino, conhecimento e exercício.

Porque o palco, também ele, é efémero, não é a vida, nem é a escola, nem é o clube da floresta: é um mediador instrumental do nosso trabalho nos bastidores. Importa não esquecer.

Formação de Professores,



Luciano Lourenço

Sofia Benardino

Investigadora estagiária do
NICIF (Núcleo de
Investigação Científica de
Incêndios Florestais)

O PROSEPE assumiu-se, desde o seu início, em 1993, como um projeto educativo, em que um dos seus principais objetivos assenta na sólida formação dos professores a ele aderentes, designadamente em termos da preservação da floresta e prevenção dos incêndios florestais.

Tratando-se de um projeto educativo, a formação de professores tinha de ser encarada, principalmente no seu início, como um dos pilares essenciais e indispensáveis para a sustentação pedagógica da sensibilização da população escolar que o projeto visa implementar.

Para esse efeito e em complemento das ações de formação, sentiu-se também a necessidade de produzir material pedagógico e didático que contribuísse para prolongar no tempo os conteúdos dessas ações e, ao mesmo tempo, permitisse alargar o leque da sua influência a outros professores interessados mas que, por qualquer razão, nelas não puderam participar, pelo que foram publicadas as respetivas atas que, ainda agora, servem de importante fonte documental, para consulta e aprendizagem de matérias relacionadas com a floresta e os incêndios florestais.

Deste modo, no decorrer do já longo percurso do PROSEPE, as diferentes ações de formação foram-se desenvolvendo em função de objetivos e públicos-alvo específicos, em que os professores, sempre presentes, foram dominantes em todas elas. De igual modo, a realização dessas ações foi-se adaptando aos tempos em que se materializaram, fruto do enquadramento a que, em

termos do Ministério da Educação, as diferentes circunstâncias foram obrigando, razão pela qual nos referiremos, essencialmente, a quatro conjuntos de diferentes ações de formação de professores dinamizadas pelo PROSEPE.

Assim, o primeiro deles correspondeu aos Encontros Pedagógicos sobre Risco de Incêndio Florestal (EPRIF's), cujos três iniciais decorreram no ano letivo de 1993/1994, por ser o da implantação oficial do projeto, razão pela qual se dedicou uma especial atenção a estas primeiras ações de formação, frequentadas por aqueles que viriam a ser os pioneiros deste projeto de sensibilização. Com efeito, neste primeiro ano, realizou-se um Encontro em cada um dos períodos letivos. Depois, nos anos seguintes, a periodicidade destas ações passou a anual, realizando-se uma por ano letivo.

Num breve relato histórico, destinado sobretudo aos que só mais recentemente tomaram conhecimento do PROSEPE, podemos afirmar que o primeiro dos EPRIF teve um duplo objetivo, que, por um lado, quis proporcionar aos participantes uma visão geral da problemática dos incêndios florestais, através da abordagem de cinco temas diferentes e, por outra parte, pretendeu apresentar uma visão panorâmica das linhas gerais do Projeto. Além disso, destinou-se também a definir metodologias de ação, bem como a calendarizar as atividades a desenvolver ao longo do ano letivo.

Neste contexto, abordaram-se aspetos técnicos, científicos e pedagógicos específicos, bem como outros de natureza organizacional e de cariz regional, nomeadamente pelos responsáveis (ou os seus representantes) das instituições que se prontificaram a colaborar com o projeto, mencionando o enquadramento dessa colaboração e as formas de cooperação que poderiam vir a ser estabelecidas.

uma prioridade no PROSEPE

Depois, o II EPRIF apresentou um formato diferente do seguido nos restantes Encontros, uma vez que correspondeu a três dias, enquanto que todos os outros se desenvolveram num único dia. De facto, os dois primeiros dias foram destinados a formação sobre risco de incêndio florestal, que abordou desde os aspetos gerais até aos sistemas de informação geográfica e de risco de incêndio, passando pelos projetos tendentes à redução do risco de incêndio, bem como pelos aspetos físicos e humanos do risco de incêndio, cada um destes tratados em sessões específicas.

As conferências de abertura e de encerramento corresponderam a dois momentos altos de formação (fot. 1), ao abordarem, respetivamente, dois temas que continuam atuais: “Risco e Crise. Grandes Incêndios Florestais” e “Que perspectivas para a floresta da Região Centro?” De igual modo, também a mesa redonda, que versou sobre os Operacionais do Fogo e da Floresta, bem como sobre a Contribuição do PROSEPE para a redução do Risco de Incêndio Florestal, constituiu um importante momento de reflexão, sobretudo com base nos diferentes relatos de experiências vividas, apresentadas pelos próprios.

O terceiro e último dia foi destinado a trabalho de campo, no Baixo Mondego e Dunas Litorais (fot. 2), com o duplo objetivo de não só avaliar os efeitos dos incêndios ocorridos no Verão anterior,



Fot. 2 – II EPRIF. Pormenor da viagem de estudo (serra da Boa Viagem).

de 1993, tanto na Serra da Boa Viagem, como nas Dunas de Cantanhede-Mira, mas também de analisar os projetos em curso para a recuperação dessas áreas ardidas. Durante a viagem, foram ainda considerados outros aspetos, de carácter interdisciplinar, com marcado cunho geográfico, tais como os contrastes e as mutações na paisagem, quer naturais quer resultantes de intervenção antrópica.

O Encontro seguinte, o III EPRIF, contemplou, durante a manhã, uma parte científica, dedicada tanto à floresta, especialmente no que concerne à evolução espacial da árvore e da floresta em Portugal, como aos efeitos dos incêndios florestais e, à tarde, tratou de aspetos mais pedagógicos, tendo começado pela apresentação de diversas ações levadas a efeito em diferentes escolas, neste que foi o primeiro ano de PROSEPE, de cariz experimental, e terminou com a apresentação das linhas orientadoras para o ciclo trienal seguinte, que se denominou “Escola sensibilizada é floresta protegida”.

O IV EPRIF revestiu-se de características também diferentes dos anteriores, na medida em que todos eles tinham decorrido no Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra, ao passo que este se realizou na Lousã, em pleno ambiente florestal, primeiro no aeródromo de Chã do Freixo, onde decorreu uma sessão com alocações de representantes de entidades intervenientes no



Fot. 1 – II EPRIF. Vista geral da assistência.

Formação de Professores,

sector florestal e a que se seguiu a apresentação do programa do PROSEPE para o ano letivo de 1994/95. A parte da manhã terminou com uma visita às diversas instalações operacionais existentes em Chã do Freixo: Sistema de Informação de Risco de Incêndio Florestal, Centro de Prevenção e Detecção de Incêndios Florestais, Centro de Meios Aéreos e Centro de Operações e Técnicas Florestais da Lousã, conduzida, respetivamente, por cada um dos respetivos responsáveis.

Depois de almoço, procedeu-se a trabalho de campo em plena serra da Lousã, com visita guiada ao Perímetro Florestal das Hortas, passagem pelas aldeias de xisto da serra da Lousã e visita detalhada à aldeia abandonada da Silveira de Baixo, onde a ARCIL estava envolvida num projeto de recuperação da aldeia e onde se encerrou o Encontro com a realização de um magusto que contou com a participação do senhor Presidente da República, Dr. Mário Soares.

O V EPRIF regressou ao Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra (fot. 3), com a manhã preenchida com sessões técnico-científicas sobre diversos aspetos relacionados com os incêndios florestais em Portugal e na Galiza. Por sua vez, a parte da tarde, foi dedicada a aspetos mais pedagógicos, tendo-se iniciado com a apresentação do programa do PROSEPE para o ano letivo de

1995/96, a que se seguiram mesas redondas destinadas a programar as atividades distritais a desenvolver no Dia Mundial da Floresta, as quais foram apresentadas na sessão final que antecedeu a de encerramento.

Nesse ano de 1996, nas seis capitais de distrito da Região Centro (Aveiro, Castelo Branco, Coimbra, Guarda, Leiria e Viseu), onde então funcionava o PROSEPE, decorreram atividades comemorativas do Dia Mundial da Floresta, organizadas pelos respetivos Coordenadores Distritais. As celebrações do distrito de Coimbra foram organizadas com a colaboração da Coordenação Nacional, por terem sido transformadas nas Comemorações Oficiais que, por isso, se desenvolveram durante a manhã, na Mata Nacional de Vale de Canas, tendo sido presididas pelo Ministro da Agricultura, Desenvolvimento Rural e Pescas e pela Ministra do Ambiente, acompanhados dos respetivos Secretários de Estado e, durante a tarde, decorreu um animado cortejo alegórico, entre o Parque de Santa Cruz (Jardim da Sereia) e o Parque Dr. Manuel de Braga, onde se procedeu ao encerramento oficial das Comemorações, presidido pelos Ministros da Educação e da Administração Interna, acompanhado pelo Secretário de Estado.

Por sua vez, o VI EPRIF, também voltou a ter características diferentes dos anteriores, pois em vez de um único Encontro, em que se reuniam todos os participantes, desdobrou-se em sessões descentralizadas, de carácter distrital, num total de nove, realizadas durante o primeiro período letivo, mais precisamente nos meses de Novembro e Dezembro de 1996 (Tabela I).

Todas estas 14 ações de formação sobre Risco de Incêndio Florestal assumiram um carácter marcadamente pedagógico, em que, por diversas vezes e de vários modos, foi abordado o tema da floresta, numa perspectiva técnico-científica, sempre direccionada para a educação e centrada



Fot. 3 – V EPRIF. Vista geral.

uma prioridade no PROSEPE

no principal entrave ao seu desenvolvimento e preservação que os incêndios florestais constituem. Não deixa de ser interessante mencionar que, no conjunto, elas foram frequentadas por cerca de 2000 (dois mil) participantes (Tabela I), professores na sua esmagadora maioria.

Tabela I – Número de participantes, locais e datas de realização dos EPRIF's.

Formação EPRIF's	Local	Data	Nº Participantes		
			Professores	Outros	Total
I EPRIF	Coimbra	22-10-1993	1136	23	159
II EPRIF	Coimbra	21/23 - 02 - 1994	151	26	177
III EPRIF	Coimbra	09-06-1994	93	15	108
IV EPRIF	Lousã	28-11-1994	194	87	281
V EPRIF	Coimbra	20-11-1995	216	56	272
VI EPRIF	Coimbra	11-11-2006	-	-	203
	Aveiro	15-11-1996	-	-	109
	Viseu	18-11-1996	-	-	102
	Guarda	22-11-1996	-	-	88
	Leiria	25-11-1996	-	-	122
	Castelo Branco	29-11-1996	-	-	79
	Mirandela	02-12-1996	-	-	68
	Santarém	06-12-1996	-	-	92
	Braga	09-12-1996	-	-	62
	Total		-	-	925
Total			-	-	1922

Como foi referido anteriormente, as comunicações apresentadas bem como as intervenções mais relevantes, proferidas durante as diferentes sessões, foram reunidas em Atas, respeitantes a cada um dos eventos realizados (fig. 1), umas mais volumosas do que outras, conforme se discrimina a seguir:

- o Atas do I EPRIF, 113 p.;
- o Atas do II EPRIF, 317 p.;
- o Atas do III EPRIF, 125 p.;
- o Atas do IV EPRIF, 61 p.;
- o Atas do V EPRIF, 119 p.;
- o Atas do VI EPRIF, 217 p.

Além das Atas, produziram-se também Documentos-Base (fig.1), onde se reuniram uma série de informações complementares sobre os participantes nos diferentes Encontros:

- o Documento-base do I EPRIF, 26 p.;
- o Documento-base do II EPRIF, 52 p.;
- o Documento-base do III EPRIF, 24 p.;
- o Documento-base do IV EPRIF, 24 p.;
- o Documento-base do V EPRIF, 32 p.;

Para o II EPRIF foi, ainda, elaborado um Livro-Guia para a Viagem de Estudo (fig. 1), com 79 páginas, onde foram dadas diversas indicações sobre as características da área a visitar.



Fig. 1 – Reprodução de capas das diferentes obras editadas pelos EPRIF's.

Entretanto, a par da realização destes Encontros, destinados a todos os Professores, entendeu-se por conveniente promover um outro Encontro, destinado, apenas, a Professores Coordenadores do PROSEPE, designado por I EPROCOP, por forma a fomentar o interesse dos professores responsáveis pelo projeto nas escolas e, assim, consolidar a sua dedicação ao PROSEPE, o qual se realizou em Coimbra, no mês de Dezembro de 1995 e contou com a presença de 60 participantes.

Nesta fase inicial, em que o PROSEPE, irradiando do Centro de Portugal, se foi estendendo paulatinamente, a outras regiões, usou-se um método complementar, descentralizado, para cativar, sensibilizar e, simultaneamente, dar uma formação inicial aos professores eventualmente interessados em aderir, bem como às entidades interessadas em com ele colaborar. Com esse objetivo promoveu-se segundo conjunto de ações de formação, designadas por Jornadas de Prevenção dos Fogos Florestais (JOPREFF's), que se revestiram de características diferentes dos anteriores Encontros, essencialmente por apresentarem um formato mais ligeiro.

Formação de Professores,

As primeiras delas, apresentaram um carácter distrital e foram preparatórias das edições distritais do VI EPRIF, tendo-se realizado durante o mês de Outubro (Tabela II, fot. 4-7), enquanto que as sessões do VI EPRIF se materializaram no mês seguinte, ou seja, em Novembro de 1996 (Tabela I). Todavia, o número de JOPREFF's foi superior ao de sessões do VI EPRIF pelo facto destas se terem também realizado em Portalegre, onde não se fez a sessão do EPRIF, e por terem decorrido separadamente em Bragança e Vila Real, enquanto que, em termos de EPRIF, funcionaram numa sessão conjunta, realizada em Mirandela.

Tabela II – Local e data de realização das JOPREFF's.

Formações JOPREFF's	Local	Data
I JOPREFF (Distrital)	Leiria	01-10-1996
	Coimbra	10-10-1996
	Portalegre	14-10-1996
	Guarda	15-10-1996
	Viseu	16-10-1996
	Aveiro	16-10-1996
	Santarém	17-10-1996
	Bragança	21-10-1996
	Vila Real	22-10-1996
	Castelo Branco	24-10-1996
II JOPREFF (Concelhias)	Oliveira do Hospital	15-01-1997
	Góis	16-01-1997
	Nelas	17-01-1997
	Gouveia	20-01-1997
	Figueiró dos Vinhos	21-01-1997
III JOPREFF (Regionais)	Braga	11-09-1997



Fot. 5 –Vista geral da assistência numa das JOPREFF's.



Fot. 6– JOPREFF na Guarda.



Fot. 4– Detalhe da mesa de umas das JOPREFF's.



Fot. 7– JOPREFF em Coimbra.

uma prioridade no PROSEPE

Por outro lado, ao contrário do que sucedeu em Portalegre, no distrito de Braga, a JOPREFF ocorreu depois do EPRIF, tendo-se realizado no início do ano letivo seguinte. No conjunto, foram 985 os participantes nas 15 jornadas que se realizaram (Tabela II).

No ano letivo de 1997/98, a entrada, de um novo ciclo trienal de sensibilização da população escolar, com dimensão nacional, levou a que se tivesse repensado a formação dos Professores, tendo-se criado um espaço de discussão mais alargado, tanto na perspectiva da representatividade dos professores membros dos Clubes da Floresta, como na da própria abordagem das matérias científicas, técnicas e pedagógicas. Surgiu, assim, o terceiro conjunto de ações de formação, as Jornadas Nacionais do PROSEPE (JONAPRO's)

O novo formato previa a realização destas Jornadas anualmente e durante dois dias, situação que só foi possível cumprir nas duas primeiras edições, uma vez que várias vicissitudes passaram a afectar o PROSEPE e a comprometer a realização das atividades, designadamente a periodicidade destas Jornadas que, a partir da terceira, passaram de novo para um único dia de formação.

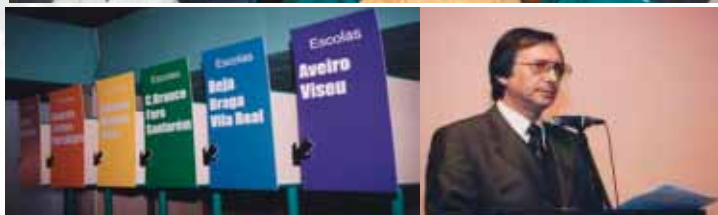
As primeiras Jornadas realizaram-se em Coimbra, no Auditório da Reitoria da Universidade, mas as seguintes, por insuficiente capacidade deste Auditório, passaram a decorrer em Fátima, no Centro Pastoral Paulo VI (fot. 8), se bem que as IV e VII, devido ao menor número de participantes, tenham voltado a decorrer em Coimbra (Tabela III).

As Jornadas Nacionais do PROSEPE visam, entre outros objetivos, continuar a formação de professores iniciada com os EPRIF's e as JOPREFF's, dotando-os de conhecimentos de cariz técnico-científico, através da realização de conferências, palestras e reuniões, apresentadas por personalidades especializadas nos temas

a abordar, acerca da floresta e dos incêndios florestais, designadamente em termos da organização do Sistema Nacional de Defesa da Floresta Contra Incêndios, bem como da importância da sensibilização da população nos assuntos ligados às florestas, e, em particular, dos aspetos pedagógicos associados à educação florestal da população escolar.

Tabela III – Jornadas Nacionais do PROSEPE.
Elementos estatísticos.

Formações JONAPRO's	Local	Data	N.º de participantes	N.º de páginas das Actas
I JONAPRO	Coimbra	3 e 4-11-1997	589	107
II JONAPRO	Fátima	19 e 20-10-1998	695	146
III JONAPRO	Fátima	5 e 6-02-2001	868	127
IV JONAPRO	Coimbra	22-11-2004	400	86
V JONAPRO	Fátima	18-11-2005	650	119
VI JONAPRO	Fátima	27-10-2006	221	223
VII JONAPRO	Coimbra	29-10-2007	250	4-20, FV n.º 44
Totais			3 673	824



Fot 8 - Vista geral do Auditório Paulo VI, em Fátima, e aspetos de pormenor do Secretariado e de uma das intervenções.

Através das respetivas Atas (fig. 2) é possível conhecer em pormenor os diferentes aspectos técnico-científicos tratados, bem como as abordagens didático-pedagógicas efetuadas durante todas estas Jornadas, pelo que nos dispensamos apresentar cada uma delas detalhadamente. Todavia, não resistimos a mencionar um facto inédito, que, no entender dos técnicos florestais, constituiu uma verdadeira proeza, pois não voltou a repetir-se, a qual consistiu em juntar num mesmo acontecimento, o então Diretor-Geral e todos os anteriores Diretores-Gerais da ex-Direcção-Geral das Florestas.

Formação de Professores

Estas Jornadas contaram com a presença dos professores dinamizadores dos Clubes da Floresta de todo o País, de especialistas convidados e de outros participantes interessados, tendo-se atingido com o impressionante número de mais de 3500 participantes (Tabela III), sendo a sua esmagadora maioria constituída por professores.

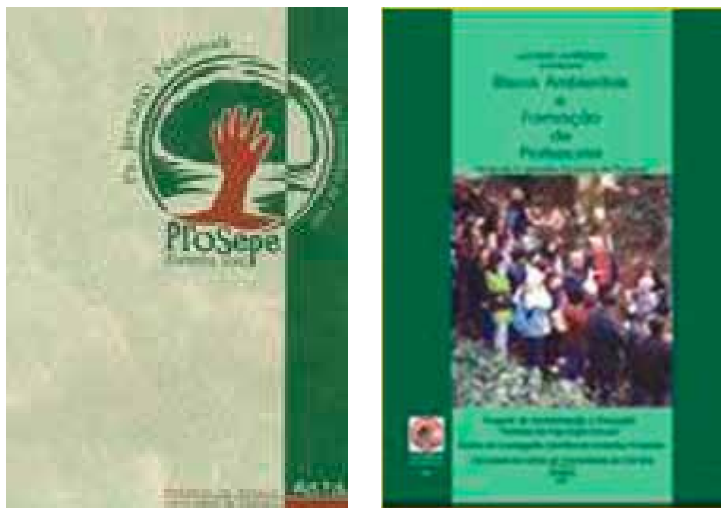


Fig. 2 - Reprodução de capas das actas:

- À esquerda, das I às V Jornadas;
- À direita, das VI Jornadas Nacionais do PROSEPE

Entre a edição das II e III Jornadas Nacionais do PROSEPE decorreram sensivelmente dois anos e meio, não porque se tenha suspenso a formação dos professores mas, apenas, porque as circunstâncias aconselharam o uso de um modelo diferente.

Assim, em colaboração com o Centro de Formação de Professores (CEFOP) de Conímbriga, criou-se a Oficina de Formação PROSEPE que corresponde ao quarto conjunto das ações de formação e que, além de contemplar o trabalho desenvolvido pelos professores dos Clubes da Floresta ao longo do ano letivo, possibilitava uma jornada de trabalho de campo, durante dois dias, para formação específica sobre uma dada área geográfica. Estas jornadas procuraram distribuir-se pelas que apresentavam maior densidade de Clubes da Floresta, com a realização de cinco no ano de 1999 e de outras tantas no ano seguinte, de 2000.

Em 2001 procedeu-se à reformulação desta Oficina de Formação, de modo a nela também poder incluir as Jornadas Nacionais do PROSEPE, razão pela qual, neste ano, se realizou a terceira edição destas Jornadas, além de mais dez, de trabalho de campo, em que participaram professores de todos os distritos do Continente e também das Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores. No seu conjunto, as oficinas de formação foram frequentadas por 1074 professores do PROSEPE.

Nos dois anos letivos seguintes, por alteração dos critérios de apoio financeiro ao PROSEPE, não foi possível realizar nem as Jornadas Nacionais nem as Jornadas Regionais (trabalho de campo) de Formação de Professores. De 2004 a 2007 voltou-se à realização anual das Jornadas e, a partir de então, não voltou a haver condições para a sua concretização.

Para conhecer um pouco das vicissitudes que impediram essa realização, as quais não cabe aqui mencionar, ou para saber mais sobre as ações que foram desenvolvidas, encontra Informação mais detalhada nas antes mencionadas “Actas”, bem como nos diversos números do Folha Viva publicados por altura da respetiva realização e, ainda, nas brochuras: PROSEPE – Dez Anos de Sensibilização e Educação Florestal (1993/4-2002/3) e PROSEPE – Floresta ConVida (2003/4-2005/6).

Dar conta, nesta breve nota, dos pormenores inerentes a todas as ações de formação que foram promovidas, é tarefa impossível. Contudo, neste número especial do Folha Viva, não poderíamos deixar de fazer uma breve referência, numa perspectiva histórica, a um dos pilares fundamentais em que assenta a sensibilização da população escolar, dinamizada pelo PROSEPE, e que consiste na sólida formação florestal dos seus dinamizadores, os Professores Coordenadores, Adjuntos e Colaboradores dos Clubes da Floresta.

Um projeto que não passou em vao



Dulce Costa

Coordenadora Distrital dos
Clubes da Floresta de Aveiro

O PROSEPE, um projeto de sensibilização e educação da população escolar tem como fim, como o nome indica, sensibilizar a comunidade educativa e, através dela, a comunidade em geral para a preservação do ambiente e, em especial, da floresta.

Os clubes da floresta têm, por isso, uma importância crucial, pois dão a conhecer aos professores e alunos aderentes, não só a importância da floresta a nível cultural, económico, social e ambiental, mas também atitudes e comportamentos que levam à sua preservação e conservação. É no seio dos Clubes da Floresta que estes objetivos se desenvolvem, passando pela formação, educação, sensibilização e responsabilização dos mais jovens.

Os clubes da floresta são lugares de encantos, um mundo!

O PROSEPE é, por conseguinte, um projeto pedagógico, de educação de jovens, enquadrado na área da educação ambiental, com um objetivo específico, a floresta.

Desde o início do PROSEPE, ano letivo de 1993/94, que um número significativo de professores e alunos nele se envolveram e, temos a certeza, que o seu envolvimento foi de tal forma que passaram a ser os olhos atentos e vigilantes que a floresta não possui.

Sabemos que alunos, animados pelas “motivações profundas” do PROSEPE, ao mudarem de escola para prossecução dos seus estudos, tudo fazem para que aí seja criado um novo Clube da Floresta e, assim surgiram mais e

mais clubes como “Os Pirilampos” ou “Os Melros” e tantos outros, fazendo “luz” para tantos jovens e professores para as causas da floresta.

Quantas gerações continuam ligadas a esta causa pelos seus percursos profissionais e académicos, como aquela jovem prosepiana que desenvolve a sua arquitetura paisagística porque o “verde” da floresta que aprendeu a preservar tem de estar sempre presente, contribuindo para a construção de um ambiente mais sustentável e com mais qualidade de vida.

A dinâmica do projeto é de tal modo abrangente que não deixa nenhum dos seus membros indiferentes, ao ponto dos professores aderentes que, tendo abraçado a causa do PROSEPE ativamente e ao ficarem de tal forma imbuídos do espírito prosepiano, pela mobilidade, continuam a gerar novos clubes, em outras escolas, alargando a rede de Clubes da Floresta. Poderemos, ainda, referir que estes clubes são lugares onde se provoca o desenvolvimento de competências cívicas e de cidadania contribuindo para preparar alunos para o mundo em constante movimento e para o qual sempre e cada vez mais serão necessárias mentalidades abertas, sensíveis e responsabilmente críticas.



As relações de cooperação estabelecidas entre Escolas detentoras de Clubes da Floresta, Autarquias e diversas entidades de utilidade pública, tais como associações florestais e corpos de bombeiros, são o suporte para a realização dos Encontros Distritais e outros eventos, de índole local a nacional, contribuindo para o debate e sensibilização das comunidades educativas e da comunidade em geral para as problemáticas da floresta.

Neste sentido é preciso e urgente que o projeto PROSEPE continue a ser oferta nas Escolas, a fim de que as atividades curriculares sejam completadas por atividades orientadas para a formação integral e para a realização pessoal dos educandos, através de Clubes como o da Floresta, de modo a que estes possam ser cidadãos com espírito crítico e criativo no meio social em que se inserem e, simultaneamente, de se empenharem na sua progressiva transformação, através de processos de melhoria contínua.

O PROSEPE, através da dinâmica das suas linhas orientadoras, conduz a uma pedagogia interativa de participação dos seus membros, que leva a que todo o conhecimento, seja para a cidadania, ambiental ou florestal, atinja os valores de um ser humano comprometido com o “saber ser”, “saber estar” ou “saber comportar-se”.

É com estruturas como os Clubes da Floresta que o “saber transmitido” passa, em termos de interação, a um “saber construído”. Por isso, a existência do PROSEPE nas escolas é positiva, ativa e está sempre em movimento.

O PROSEPE é como este pensamento de Kovan-Tseu (séc. VII AC, China), que diz: “Se os teus projetos são para um ano, semeia um grão. Se são para dez anos, planta uma árvore. Se são para cem anos, instrui o Povo”.



Jorge Lage

Coordenador Distrital dos Clubes da Floresta de Braga

Foi um feliz acaso que me levou ao encontro do PROSEPE, em 9 de Dezembro de 1996, no Hotel Turismo, em Braga, onde fui representar a Proteção Civil e Segurança da Educação do Distrito de Braga no “VI Encontro pedagógico sobre risco de incêndio florestal”, promovido pelo PROSEPE/NICIF - Universidade de Coimbra (Dr^a. Graça Lourenço).

O tema era nobre e telúrico. Por um lado, apresentava-se como uma cruzada educativa para se diminuir o flagelo dos incêndios florestais pela educação e, por outro, era um apelo ao meu regresso à Natureza, ao Campo e à Terra.

Foi amor à primeira vista e que tem perdurado até hoje, com enormes sacrifícios e com muitas alegrias e algumas tristezas, mas um grande, grande enriquecimento interior. O PROSEPE, tem-nos feito ir até ao limite das capacidades e a chegarmos quase ao fundo dos desafios.

Tem sido quase uma guerrilha interior, principalmente quando os desafios e obstáculos são de toda a ordem e quando conseguimos demonstrar, até a governantes, que nada consegue fazer desistir. Uma força interior alimentada pelo sonho e pela cumplicidade e empenho dos Professores que estão no terreno. Como dizia o nosso poeta máximo: - *é fraqueza desistir das coisas começadas*.

Depois, há a voz dos Alunos, carentes de conhecimentos, de emoções e de afirmação e crescimento interior. No fundo, crescerem interiormente e serem capazes de dizer sim, quando devem dizer sim e não, quando sentem que têm de dizer não.

um projeto de vida

Não mais parei dentro do PROSEPE / Clubes da Floresta e com as funções de Coordenador Distrital (desde 1999) tudo se colou mais à alma e à mente, como visco que se agarra a nós para sempre.

Os Clubes da Floresta deram-me a confiança duma escrita útil aos outros (leitores) e passaram a nascer alguns livros, tal foi a dádiva que recebi no Projeto. Foi como uma mancha de azeite purificador e salvífico que alastrou dentro de mim e me fez crescer até na parte sociológica. Por isso, um amigo e conterrâneo, Capitão de Abril, me dizia: - é impressionante, o Jorge tem conhecimentos em todas as partes do país! É claro que não tenho tantos, mas que tenho alguns é verdade e esta nova fronteira sociológica foi construída dentro do PROSEPE, que me abriu portas e janelas nesta minha vida a prazo.

Quando um Clube da Floresta se fecha é um pedaço deste corpo generoso e voluntário de dádiva que se perde. Pelo menos, não vai chegar a tantas crianças e jovens e às suas famílias, esta mensagem de Cidadania, Ambiente e Floresta.

Quando um Professor passados três, seis, dez anos desiste do Projeto e lhe volta costas a tristeza é imensa, porque vejo que lhes falta um Projeto de Vida e que o seu voo de vida pode ser apenas um caminhar mais rasteiro como o comum dos colegas. Afinal no PROSEPE recebemos sempre muito mais do que damos.

Assim, acabamos por chegar à pirâmide de valores e entre darmos a uma Escola, a um Professor ou um Aluno dinheiro (ainda hoje se “medem” os Projetos pelo dinheiro que dão às instituições) e darmos-lhe um Projeto que valorize e eleve a Educação e dê aos Professores e Alunos um crescimento interior que os coloque num mundo mais válido e mais nobre, em que fraternidade, igualdade e liberdade se alicerçam no respeito e generosidade pelo outro. O outro é sempre o que

está mais perto de nós ou quem se cruza connosco, por exemplo, a família, a sociedade, um animal, uma árvore, um bem público ou a Natureza.

Quando a Escola se torna inclusiva e atrativa para um Aluno excluído pela pobreza, por uma família ausente ou por injustiças sociais, já se deu um passo do tamanho do abismo para o paraíso, ainda que este seja apenas um ideal ou um sonho.

Sem nos apercebermos, o mundo já pulou e avançou e é esta generosidade e voluntarismo dos Professores, incluindo o pai e a alma do PROSEPE, Prof. Luciano Lourenço, que tem sacrificado a família, a carteira e a sua carreira universitária por amor a uma causa que, por vezes, a insensibilidade de alguns políticos teimam em não ver.

A nossa esperança reside numa nova forma de ver a política, porque uma política sem alma e sem valores humanos, ambientais e florestais não presta. Acredito que hoje podemos ser diferentes de ontem e que o país não se pode governar só por calculismo, mas por valores. Por isso, acredito que ao comemorarmos os 20 anos de PROSEPE teremos, com algumas dificuldades, força para continuar porque o sonho está sempre à nossa frente.

Esta forma de estarmos nas Escolas e na sociedade tem que nos acompanhar e levar-nos a procurar saborear o resto da maçã da vida que ainda nos falta, quando ela se chama Ambiente e Floresta ou Prevenção de Incêndios Florestais pela Educação. Obrigado!



Encontros Distritais dos Clubes da Floresta



Fernando Ferreira

Coordenador Distrital dos
Clubes da Floresta de Castelo Branco

PROSEPE – Projeto de Sensibilização e Educação Florestal da População Escolar. A Floresta é o mote para a sensibilização e educação ambiental. É a partir da Floresta que os Clubes desenvolvem as suas atividades visando a educação para a cidadania, nomeadamente a educação ambiental e florestal, e competências específicas de várias disciplinas curriculares, e, muitas vezes, a sua integração no meio escolar.

Temos uma população, incluindo a escolar, cada vez mais urbana. Por outro lado, afirma-se que a maior parte do nosso território tem vocação florestal.

É nosso dever dar a conhecer e ensinar a proteger a Floresta para deixar, aos nossos vindouros, um espaço mais rico, viável e harmonioso.

A Floresta tem várias vertentes: económica, ecológica, a manutenção da biodiversidade, paisagística e a fruição de tempos livres.

A realidade da vida no campo, incluindo a pastorícia ou a valorização dos espaços florestais, tal como muitas vezes nos é transmitida, não era assim tão poética. Era, e continua a ser, difícil e ingrata. Contudo, fala-se, cada vez mais, do regresso ao passado, dessa aspiração nostálgica, do paraíso perdido, o que nem sempre corresponde à realidade.

Por isso, faz todo o sentido realizar com os Clubes atividades em espaço florestal. Os Encontros Distritais podem ser uma dessas atividades, embora isso nem sempre seja viável.

A atividade dos Clubes não se limita à temática da Floresta, em sentido restrito. Neles cabem as mais variadas atividades de carácter ambiental. Pode, por exemplo, ser feita a exploração de um parque, estudando-o ou cuidando dele. Podemos começar por explorar o jardim da nossa Escola, e já é uma das nossas obrigações cuidar desses espaços florestais. Incluímos, ainda, nas nossas atividades as festividades, as tradições, o lúdico, tudo o que possa estar relacionado com o tema. Preocupamo-nos, nomeadamente, em conhecer a flora e a fauna locais.

Os Clubes da Floresta não vivem dissociados da realidade da Escola a que pertencem, nem da sociedade envolvente. Contudo, se possível, devem procurar conhecer o que se entende por Floresta, no local próprio, embora estes espaços escasseiem cada vez mais.



A Floresta tem sofrido, ao longo dos séculos, e mais intensamente no nosso passado recente, violenta destruição. São os incêndios, a monocultura de espécies florestais, o abate indiscriminado de árvores, a urbanização e construção de infra-estruturas. Sendo os espaços florestais cada vez mais raros, ou, muitas vezes, usados de forma menos correta, faz todo o sentido lutar pela sua preservação e estudo. Só estudando-os, e reconhecendo o seu valor, é possível compreender a sua importância, os perigos decorrentes da sua destruição e que muitas vezes são irreversíveis.

Atividades Educativas na Floresta



João P. Barreira

Coordenador Distrital dos
Clubes da Floresta de Leiria

A decisão de transformar os encontros e torneios distritais do PROSEPE/Leiria num acampamento surgiu em 2005, quando assumi a coordenação Distrital. Até essa data os encontros e Torneios realizavam-se num só dia, o que, dada a distribuição geográfica dos clubes pelo distrito obrigava a algumas viagens cansativas e muito pouco convívio, dada a pequena disponibilidade de tempo.

Assim, os encontros passaram a ser compostos por um acampamento, no qual o primeiro dia é dedicado ao convívio com a floresta local, através de passeios pedestres, caça ao tesouro, etc.

No o segundo dia decorrem os torneios, que consistem numa prova de orientação, com questões sobre o conhecimento, utilização e proteção da floresta, e também, jogos tradicionais.

Hoje em dia, e sobretudo para os Clubes que têm primeiro ciclo, os encontros e torneios constituem-se quase como um baptismo de fogo já que, para muitos, é a primeira vez que pernoitam fora do ambiente familiar.



Tivemos ao longo destes anos o cuidado de alternar a localização dos encontros e torneios entre a floresta junto ao mar e a floresta na montanha, permitindo assim que os participantes conheçam realidades diferentes do distrito.

Olimpíadas da Floresta -



Cristina Ferreira

Coordenadora Distrital dos
Clubes da Floresta de Viseu

No início deste novo milénio, nas quentes terras alentejanas, nasceram as Olimpíadas da Floresta, marcando fortemente o PROSEPE e dotando-o de uma nova esperança. Entre as diversas iniciativas, as Olimpíadas da Floresta assumem relevância estratégica, tendo em conta o objetivo geral deste projeto – *promover atividades relacionadas com a sensibilização e educação da população em idade escolar para a preservação da floresta.*

Reunindo a dimensão lúdica no contacto com a floresta com a dimensão educativa, nas vertentes pedagógica, ambiental e florestal, as Olimpíadas constituem um valioso contributo para o desenvolvimento da consciência cívica de quantos nelas participam.

Trata-se de uma prova proposta aos alunos dos clubes da floresta, desenvolvendo-se por duas fases: a primeira, meramente teórica, compõe-se de um conjunto de questões de escolha múltipla sobre a temática florestal que, a nível nacional, apenas difere consoante o ciclo de ensino e é realizada pelos alunos na respetiva escola; através desta prova teórica, é feito o apuramento dos elementos constituintes da equipa que irá à final nacional; esta segunda fase é uma prova essencialmente prática, realizada em ambiente florestal pelas equipas selecionadas na fase escola, em cada um dos clubes do País.



Mais do que testar competências, as Olimpíadas da Floresta são um desafio ao desenvolvimento de atividades direcionadas para os objetivos pedagógicos, ambientais e florestais do PROSEPE, principalmente os seguintes:

- Contribuir para a formação cívica dos jovens;
- Contribuir para o desenvolvimento da autonomia dos alunos;
- Consciencializar os jovens para a necessidade da correta ocupação e gestão dos espaços e dos recursos florestais;
- Despertar, nos alunos, valores, princípios e atitudes comportamentais que conduzam à preservação da floresta;
- Levar os alunos a contactarem diretamente com os espaços florestais e a conviverem sem conflitos com o ambiente florestal.

Sensibilizar e educar são, pois, as preocupações fundamentais na organização das Olimpíadas da Floresta.

Numa iniciativa do clube “Os Raposecos”, da EB 2/3 D. João IV, as I Olimpíadas da Floresta foram realizadas no ano letivo 2000/01, em Vila Viçosa. O sucesso desta atividade foi a alavanca para a realização das II Olimpíadas em 2001/02, desta vez no Alandroal. Registou-se a adesão de muitos clubes não só do Alentejo, mas também de outras regiões do País. Esta iniciativa deu provas de ir ao encontro dos objetivos do PROSEPE



Resenha histórico-pedagógica

pelo que, a partir de 2002/03, as Olimpíadas da Floresta passaram a fazer parte do Plano Anual de Atividades.

A organização das III Olimpíadas continuou a cargo do Coordenador Distrital de Évora, Dr. Licínio Lampreia, sendo realizadas em Vila Boim, freguesia do concelho de Elvas. Foram mais um passo na tarefa de educar e sensibilizar para a conservação das áreas florestais; durante a primeira fase, contaram com a participação de 87 escolas, com 6634 alunos de 18 distritos e das duas regiões autónomas. Além da prova, a fase final englobou diversas atividades, com destaque para uma exposição de trabalhos realizados pelos clubes participantes e a realização do logótipo da iniciativa. O mesmo Coordenador tomou a seu cargo a organização das IV Olimpíadas da Floresta, continuando a ter como palco o Alentejo, no concelho de Redondo.

No ano letivo 2004/05 e nos três anos seguintes, a final nacional das Olimpíadas foi realizada no distrito de Leiria, tendo como organizador local o Coordenador Distrital de Leiria do PROSEPE, Dr. João Barreira. As V Olimpíadas da Floresta decorreram na Mata dos Marrazes, desenvolvendo-se ao longo de um percurso em área florestal. Nas VI Olimpíadas, a prova tinha uma componente teórica, realizada na EB 2/3 Rainha Santa Isabel - Carreira, e uma prova de orientação junto à Lagoa da Ervideira. Em 2006/07, as VII Olimpíadas reuniram, no Dia Mundial da Floresta, 200 alunos dos 1º, 2º e 3º Ciclos, na área envolvente à Lagoa de Pataias para realização da final nacional; a prova consistiu na realização de um percurso de orientação na zona florestal, ao longo do qual os alunos tinham de encontrar pontos fixos sinalizados e em cada ponto responder a uma questão relacionada com a floresta.

A final das VIII Olimpíadas teve lugar na Mata de Marrazes, concelho de Leiria, uma vez mais,



com apoio do Clube de Orientação do Centro; a prova consistiu num percurso, assinalado num mapa dado, passando por diversos pontos que cada equipa tinha de descobrir e neles responder a questões relativas à prevenção dos incêndios, boas práticas e usos a instituir na floresta ou acerca de espécies florestais do nosso país.

Tabela I – Histórico das Olimpíadas da Floresta.
(locais e datas)

	Ano Lectivo	Data		Local
		Fase Escola	Final Nacional	
I	2000/01	14 Fev.	14 Mar.	Vila Viçosa (Évora)
II	2001/02	27 Fev.	17 Mar.	Alandroal (Évora)
III	2002/03	5 Fev.	19 Mar.	Vila Boim - Elvas (Portalegre)
IV	2003/04	4 Mar.	10 Mar.	Redondo (Évora)
V	2004/05	9 Mar.	4 Mai.	Marrazes (Leiria)
VI	2005/06	23 Nov.	26 Abr.	Carreira (Leiria)
VII	2006/07	22 Nov.	21 Mar.	Pataias (Leiria)
VIII	2007/08	23 Nov.	4 Mar.	Marrazes (Leiria)
IX	2008/09	21 Nov.	4 Mar.	Santa Maria da Feira (Aveiro)
X	2009/10	4 Mar.	*	
XI	2010/11	4 Mar.	12 Mai.	Tondela (Viseu)

* Não foi realizada a final nacional por indisponibilidade financeira.

Após oito anos de sucesso na realização desta atividade, a Coordenação do PROSEPE decidiu diversificar o local e a equipa responsável pela organização das Olimpíadas da Floresta. A Coordenadora Distrital de Aveiro, Dr.^a Dulce Costa e a adjunta, Dr.^a Dalila Reis, com a colaboração do Coordenador Distrital de Leiria, assumiram a difícil tarefa de organizar as IX Olimpíadas da Floresta. A final nacional foi realizada junto ao castelo da bonita cidade de Santa Maria da Feira; apesar de ser um dia de muita chuva, as equipas não se escusaram

Olimpíadas da Floresta -

à realização da prova, procurando entre o arvoredo os pontos onde se encontravam as perguntas a que tinham de responder.

Em 2009/10, as X Olimpíadas da Floresta resumiram-se à fase escola, já que o não financiamento do PROSEPE tornou inviável a realização de atividades que implicassem deslocações dos clubes.



Em 2010/11, a promessa de financiamento reavivou a atividade do PROSEPE, avançando-se com a programação das XI Olimpíadas. A fase escola foi organizada pela Coordenadora Distrital de Coimbra, Dr.^a Fátima Cruz e pela adjunta de Aveiro, Dr.^a Dalila Reis. A final nacional ficou a cargo da Coordenadora Distrital de Viseu, Dr.^a Cristina Ferreira, com a colaboração do clube da floresta Os Raposinhos, da Escola Secundária/3 de Tondela e do Coordenador Distrital de Vila Real, Dr. Adérito Rodrigues.

Em ambiente de grande alegria, 26 clubes de diferentes distritos do País reuniram-se no parque do Santuário do Coração de Maria, na freguesia de Castelões, do concelho de Tondela. Pela primeira vez, desde há vários anos, a prova não teve a vertente orientação, centrando-se sobretudo na observação de diferentes espécies florestais e descoberta das respetivas características e potencialidades, alternando com jogos alusivos à floresta e contactando com entidades e profissionais ligados à defesa/proteção do património florestal. Movimentando-se por todo o parque, cada equipa tinha de pôr em ação todas as suas capacidades físicas e intelectuais para realizar as atividades propostas e responder às questões apresentadas.



Resenha histórico-pedagógica



A avaliação feita pelos participantes mostra bem que as Olimpíadas da Floresta terão de continuar a realizar-se. A título de exemplo, transcreve-se a opinião dos alunos do clube “Balluta Radical”: *“Podemos dizer que as XI Olimpíadas da Floresta foram uma verdadeira aventura (...) muitas árvores, muitas plantas, flores de todas as cores, um verdadeiro paraíso da natureza, com uma paisagem deslumbrante até onde a vista alcançava. (...) as olimpíadas divertidas e bem movimentadas, com tarefas e jogos variados que, por todo o parque, nos fizeram andar, correr e saltar (...). O convívio foi maravilhoso, porque muitos clubes de todo o país estiveram presentes, falamos, brincamos, convivemos, divertimo-nos e partimos satisfeitos e muito contentes por termos participado(...).”* Por sua vez, o clube “Borboleta & Amigos” resumiu tudo em poucas palavras: *“Um dia em cheio na Floresta e pela Floresta”*.

As Olimpíadas da Floresta, tal como as demais atividades do PROSEPE, produzem bons frutos, mas as crescentes dificuldades não permitem que alunos e professores continuem a realizá-las numa ação de completo voluntariado. O futuro da sociedade e do País passa por uma educação integral e integrada e esta é muito mais do que proporcionar a aprendizagem dos conteúdos programáticos na sala de aula. É, pois, urgente que as entidades governamentais dêem a este projeto a atenção merecida e proporcionem as necessárias condições financeiras e integração nas estruturas educativas, que viabilizem a continuidade dos clubes da floresta e o desenvolvimento das atividades de âmbito local, regional e nacional.





Renato Ferreira

Coordenador Distrital dos
Clubes da Floresta de
Viana do Castelo

Todos os anos, principalmente nos meses mais quentes, somos confrontados com tristes notícias, relacionadas com incêndios florestais, “incendiários”, “combate a incêndios”, “bombeiros”, “helicópteros”, “aviões de combate”... Fazem-se reportagens, “diretos” nos telejornais e ouvem-se muitos intervenientes, desde responsáveis ministeriais às populações, passando invariavelmente pelos bombeiros que, num espírito de grande missão, põem em risco a vida para protegerem um património ambiental, económico e paisagístico de todos nós.

Todos manifestam grande preocupação pelas consequências destes trágicos acidentes e, cada um à sua maneira, vai dando palpites sobre a melhor forma de acabar ou diminuir tão grande tragédia nacional. No entanto, com a vinda das chuvas e o tempo mais frio, os responsáveis do sector parecem esquecer o problema... Aqueles a quem o Povo confiou a capacidade de governar, por incompetência ou por incapacidade para implementarem políticas eficazes, têm adiado medidas e descartado soluções capazes de combater este flagelo.

Apesar da situação angustiante a que a política florestal chegou em Portugal, há ainda muita gente inconformada, que não cruza os braços e, todos os dias, com muito esforço e dedicação, implementa medidas e procura soluções para inverter a atual situação da floresta portuguesa. São muitas as associações, clubes, proprietários e grupos de cidadãos anónimos que dão o seu melhor para que a floresta portuguesa não perca a sua

identidade e não se reduza a paisagens áridas e descaracterizadas. Há muitas pessoas que todos os anos, não poupam esforços para repovoar áreas ardidas e, dessa forma, devolverem à terra a paisagem que por direito lhe pertence.

Não cabe aqui mencionar as múltiplas razões de ordem ambiental, que têm contribuído para o desenvolvimento de uma mentalidade mais ecológica e ambientalista. No entanto, sabemos que há cada vez mais gente preocupada e, por variadas motivações, estabeleceu um compromisso profundo de proteção ambiental. Cada um, a seu modo, procura dar o seu contributo para melhorar aspetos da degradação ambiental. No que toca à floresta são muitos os que procuram plantar árvores novas, havendo outros que as tratam, zelam e vigiam. Há outros, ainda, que fazem tudo isto com objetivos bem precisos, metodologias bem definidas e ações concertadas com grande alcance pedagógico, científico e ambiental.

Não desvalorizando o trabalho de ninguém, porque este é um trabalho de todos, tenho que realçar o exemplar papel do PROSEPE na formação ambiental e educação florestal dos jovens, através de múltiplas ações desenvolvidas na conservação da floresta e na sua defesa contra os incêndios, o qual tem vindo a ser desenvolvido desde que iniciou a sua atividade. Ao longo da sua existência,



árvore para crescer

de perto de duas dezenas de anos, sensibilizou muitos milhares de jovens para as questões do ambiente em geral e da floresta em particular, tendo desenvolvido milhares de ações que marcaram uma postura ambientalista diferente, mais abrangente, ao englobar diversos pontos de vista complementares na formação dos jovens, designadamente os cívico, educacional, ambiental e cultural, que de forma mais ou menos marcante, tocaram todos quantos se envolveram no projeto do PROSEPE.

De entre as inúmeras atividades desenvolvidas pelo PROSEPE, contam-se a plantação de muitos milhares de árvores, grande parte delas autóctones, por tantos montes e áreas ardidas de Portugal. Muitas das espécies plantadas foram fruto de um trabalho pedagógico e de uma metodologia ativa, que envolveu milhares de alunos dos diferentes ciclos de ensino, desde o Pré-Escolar ao Secundário e, até, do Superior, mas fundamentalmente do Ensino Básico, em todo o ciclo de renovação das espécies, desde a apanha das sementes, sementeiras, transplantes e posterior acompanhamento em todas as fases de crescimento. Hoje, para além das árvores plantadas por iniciativa própria dos membros dos Clubes, contam-se já muitos parques florestais e muitas manchas verdes em zonas onde eles desenvolvem ou realizaram as suas iniciativas.

Se o trabalho desenvolvido é reconhecido por todos como muito positivo, também corremos o risco de o mesmo ficar comprometido por incapacidade de gestão e proteção. A sensibilização para a defesa da floresta tem que continuar, não só entre a população escolar mas em todas as comunidades. A “floresta não tem olhos”, pelo que cada cidadão tem que ser um militante vigilante. As ações de reflorestação têm de continuar para reequilibrar os habitats e também para dinamizar as profissões ligadas à floresta e a economia nacional. Paralelamente, é necessário incentivar a

investigação científica, as pesquisas e a divulgação de estudos que apoiem a dinamização da atividade florestal. A complexidade deste trabalho, feito em regime de voluntariado, tem que ser devidamente coordenado e apoiado.

O meu desafio dirige-se aos responsáveis pelo sector para que apoiem, com o mínimo indispensável, quem sabe fazer, quem tem objetivos bem definidos e quem apresenta trabalho realizado com muita qualidade.

A dinâmica implementada pelo PROSEPE influencia, decididamente, cada elemento a interiorizar um compromisso mais profundo em prol da floresta. Cada prosepiano será sempre um “plantador de árvores”, disposto a dispensar muito do seu tempo livre para que o futuro seja mais habitável. Cada ação desenvolvida será sempre uma demonstração das suas preocupações face a um presente instável e a um futuro incerto.

De momento, a única certeza é a de que é precisa paciência, muita paciência, para dar tempo à árvore para crescer e se desenvolver, e, entretanto, esperar que ninguém lhe deite fogo...

Com uma metodologia diferente da habitualmente propalada pelos meios de comunicação social ou da seguida pela generalidade dos decisores políticos, o PROSEPE quer continuar a contribuir para que as árvores possam continuar a crescer!



Testemunhos



José A. Pereira

Coordenador Distrital dos
Clubes da Floresta do Porto

O PROSEPE, ao longo da sua existência, tem sido um projeto aglutinador de muitos cidadãos (alunos, professores, coordenadores distritais e individualidades), que têm colhido muito da sua excelência em termos pedagógicos e para quem o projeto foi a “semente” que lhes permitiu crescer na sua formação profissional e pessoal, ao longo da sua vida.

São várias as ligações e o reconhecimento do PROSEPE como meio que contribuiu para carreiras profissionais e universitárias de ex-alunos do PROSEPE. Desde bombeiros competentes e dedicados, até ao prosseguimento de estudos na área ambiental e, mais concretamente, na área florestal, passando por formadores na educação florestal tem permitido que vários alunos e professores continuem a manter o espírito do PROSEPE bem alto.



Assim quando referimos o lema do projeto “*A floresta não tem Olhos, olhe por Ela*” sentimos que estes cidadãos continuam a ser agentes sensibilizadores e dinamizadores da proteção e preservação da floresta junto da sociedade com as tarefas que exercem no seu dia-a-dia.

Vamos transcrever dois testemunhos de antigos coordenadores distritais e um outro, de um membro para quem o mesmo foi um “ponto de partida” decisivo para outras ligações na vertente profissional ou escolar. Muitos outros testemunhos existirão, de outros ex-membros de Clubes da Floresta, professores, coordenadores distritais ou individualidades que colaboraram com o PROSEPE, mas não é possível inclui-los todos. Ficam, pois, algumas referências a um projeto cuja “semente” perdurará por muitos e muitos anos.

Os testemunhos foram dados pela Dr.^a Margarida Rodrigues de Bragança, Coordenadora Distrital dos Clubes da Floresta de Bragança, nos anos de 1998-99, 199-00 e 2000-01, pelo Dr. António Moraes, Coordenador dos Clubes da Floresta de Leiria, no ano letivo de 1999-200 e pelo Óscar José de Brito Rodrigues, na qualidade de membro de um Clube da Floresta e atualmente Bombeiro de 3.^a Classe, no Corpo de Bombeiros de Cête, a quem foram colocadas as mesmas questões e cujas respostas aparecem respetivamente identificadas pelas siglas: MR, AM e OR.

1-Aspetos positivos mais marcantes da sua colaboração com o Projeto

MR: A oportunidade de ter conhecido pessoas interessantes e de ter, verdadeiramente, trabalhado em equipa e para o “bem comum”. O espírito de familiaridade que se criou entre a coordenação nacional e os coordenadores distritais, espírito que também era comum ao trabalho realizado a nível distrital.

AM: Como nota inicial o facto de que me permitiu alicerçar certezas quanto à necessidade de construir uma cidadania participada e estruturante nos futuros cidadãos, mobilizando o interesse juvenil em causas em concreto e não em temas de duvidosa utilização como exercício de cidadania.

O PROSEPE permitiu-me, apesar das dificuldades na mobilização de vontades institucionais, participar nas bases do que poderia ter sido um virar de página decisivo em atitudes comportamentais de indiferença, desconhecimento ou comodismo de “*dolce far niente*”, sempre tão cómodo e oportuno para não enfrentar a realidade.

OR: Na minha experiência enquanto elemento do Clube da Floresta, tenho simplesmente um grande aspecto marcante, foi contribuir para uma melhor saúde das florestas portuguesas, como escuteiro e atualmente, como bombeiro.

2-Aspetos negativos mais marcantes da sua colaboração com o Projeto

MR: Distância a Coimbra, que me obrigou a muito esforço e algum sacrifício pessoal para poder ir a todas as reuniões.

AM: Como aspecto menos positivo a certeza de que, como professor e sobretudo como cidadão, poderia ter feito mais e melhor e uma vaga sensação de que algures no meu percurso de vida poderia ter dado mais de mim mesmo para esta causa tão nobre e mobilizadora.

3- Importância do PROSEPE para as escolas

MR: Ajudou a dinamizar as escolas, proporcionou aos alunos vivências diferentes e significativas que, de outra forma, não teriam experimentado. Facultou meios para as escolas poderem efetivamente fazer educação e sensibilização ambiental. Penso que, de uma maneira geral,

os alunos ficaram com a “semente” da proteção do meio natural e sentem que proteger a floresta é, acima de tudo, um dever coletivo!

AM: O PROSEPE tem uma vertente de sensibilização e de informação que nunca foi devidamente valorizada quer pelo Ministério da Educação, que nunca o tratou com o valor pedagógico que tem, desde logo pelos custos reduzidos face ao binómio Custo/Benefício e que nunca se apercebeu (ou quis perceber) e a meu ver, até ainda mais grave, foi objeto de intencional desvirtuação, sendo plagiado com evidente insucesso (Florestas em Movimento), pela então D.G.R.F., para não mencionar outras tentativas da sua exterminação.

A mobilização do PROSEPE, com atividades centradas na temática da floresta, e que foram inúmeras vezes as atividades mais marcantes de animação escolar em muitas escolas aderentes, foi por si só digna de registo e há ainda a acrescentar o facto destas atividades terem impulsionado muitas Câmaras Municipais a prestarem mais atenção a esta temática.

OR: Decorria o ano de 1999, recordo-me de participar num encontro em Santarém, onde estava representada a minha atividade de escuteiro (na época) e a minha atividade atual. A exposição de todos os elementos de defesa da floresta estavam presentes (Bombeiros, PSP, GNR e Proteção Civil), estava muito bem organizada. Hoje orgulho-me de pertencer a um dos elementos fundamentais na defesa das florestas, os Bombeiros, desde 2003 luto todos os anos contra os violentos incêndios florestais, colocando muitas vezes a minha própria vida em risco... Já passei por diversas experiências assustadoras no combate às chamas, esta minha missão e de muitos outros bombeiros portugueses, infelizmente é infinita. PORTUGAL SEM INCÊNDIOS DEPENDE DE TODOS!

4- Importância do PROSEPE para a sociedade, em geral

MR: Criou dinâmica e “mexeu” com a sociedade civil.

AM: O PROSEPE poderia ter atingido mais os cidadãos, caso tivesse tido maior divulgação nos “media”, mas, ainda assim, a mensagem transmitida pelos jovens às suas comunidades familiares, deixou, necessariamente, sementes e hoje a floresta e a sua defesa é tema corrente em muitos sectores que ainda se não tinham apercebido da importância da floresta.

OR: É extremamente importante este projeto nas escolas, pois sensibiliza os mais novos na defesa da floresta que pela sua dinâmica “mexeu” com a sociedade civil.

5- Em poucas palavras, exprima o que significou para si próprio(a) este projeto

MR: Foi muito enriquecedor e deixou marcas que não cabem nas palavras, pois o mais significativo é o que fica gravado no mais íntimo de nós. Recordo com muita emoção, as reuniões, encontros e apresentações que fiz no âmbito deste projeto.

AM: Um professor é, em minha opinião, um modificador de mentalidades, um provocador de ação, e nessa isotopia este projeto foi para mim isso mesmo, o rasgar de novos horizontes a jovens ávidos de saber, de entender o que aprendem como um saber de aplicações práticas e não um mero amontoar de conhecimentos, que da vida e seus mistérios parecem alheios.

OR: Este projeto foi uma das motivações para alimentar o meu «bichinho» da profissão que tenho hoje.



Adérito Rodrigues

Coordenador Distrital dos
Clubes da Floresta de Vila Real

Quando, em meados da década de noventa, do século passado, decidi aderir ao projeto de defesa e proteção da Floresta – PROSEPE/Clubes da Floresta - Projeto de Sensibilização e Educação da População Escolar, envolvendo com essa minha atitude uma turma e, por consequência, a Escola no todo, não vislumbrava um fim tão amargurado e tão fatídico para tal projeto, como o que está a acontecer neste momento.

A vivacidade do PROSEPE - que está sediado na Universidade de Coimbra, sob a coordenação do Doutor Luciano Lourenço - e toda a aderência que as Escolas tiveram a esse projeto foram extraordinárias e a sua ação suprema, para além das atividades semanais e dos vários inventos feitos, verificava-se no Encontro Nacional que ocorria em Santarém, no espaço do CNEMA. Aí, os Clubes evidenciavam alguma da sua criatividade, encontrando-se cerca de 500 e muitos Clubes, ou seja, alunos de 500 escolas de todo o país. No ultimo dos encontros, ultrapassaram-se 1500 jovens e em todos os anteriores foram uns milhares muito largos.

As vivências que os alunos tinham nesse dia eram notáveis e afetavam os “nossos” jovens pela positiva, se atendermos aos trabalhos e conhecimentos que daí resultavam. Fechava-se o evento com o desfile dos Clubes, com a respetiva indumentária, ou seja, vestidos com a camisola, lenço e boné com a cor do distrito, para além da Faixa, Bandeira e Mascote. Era o colmatar pleno dum dia repleto de vivacidade e afazeres diversos.

porta aberta da desilusão!

Assim fomos andando, desenvolvendo a nossa atividade e, nos vários Encontros Nacionais, tivemos entre nós, variadíssimas vezes, gente política notável do país, que connosco conviveu – altos governantes: primeiro ministro, ministros e diversos secretários de estado. Foram momentos de júbilo, onde os alunos, os atores que devem apresentar-se em cena, se extasiavam com toda a abundância de opções que se lhe deparavam, muito embora o cansaço, muita vez, se manifestasse no regresso à localidade da nossa origem.

Gradualmente foram minando o projeto e, dado que ele defende e preserva as árvores, poder-se-á dizer que começaram por lhe mutilar alguns ramos e a árvore viu-se amputada na sua prestabilidade, só porque não havia seiva para nutrir a planta, não disponibilizaram o dinheiro de suporte para o nosso projeto.

Os políticos gerem os dinheiros públicos como querem e muito bem entendem, muitas das vezes fazendo péssimas opções e a prova está em que, depois da revolução de Abril, 37 anos decorridos, já tivemos que pedir ajuda ao exterior por 3 vezes. No momento presente, estamos a debater-nos com uma situação grotesca e difícil, talvez ímpar nos últimos cem anos de vida desta Nação Portuguesa, porque há mais de uma década que têm esbanjado dinheiro, não o aplicando nos serviços adequados.

Essa falta de colaboração e de apoio de algumas das entidades traduziu-se no abandono por parte de alguns Clubes da Floresta e na redução do número de Clubes, talvez menos motivados ou com menos hipóteses de sobrevivência. Qualquer atividade realizada numa escola, em princípio, implica algum gasto e como as escolas estão cada vez mais descapitalizadas, porquanto as verbas são menores, os clubes foram sentindo mais e mais dificuldades para poderem fazer face às despesas que se lhes iam apresentando.

Para além disso, muitas escolas apenas têm interesses económicos nos projetos, só vem o numerário, não o aluno, o ator em desenvolvimento, daí não ser fácil prosseguir com um Clube do PROSEPE em funcionamento, em grande parte delas, devido à falta de apoio das direções das escolas.

Existiam também as Jornadas Pedagógicas Prosepianas, onde se debatiam temas diversos, relacionados com a defesa e preservação da Floresta, podendo os diversos professores dos Clubes de todo o país, presentes na ação, ouvir e acabar por tomar conhecimento de assuntos vários, dado que os preletores eram pessoas altamente qualificadas, bem conhecidas no meio académico, com provas dadas, o que era uma mais-valia para o projeto PROSEPE.



Os desequilíbrios,

Tudo se foi perdendo e, lentamente, a seiva foi-se esvaindo, levando ao desfalecimento, ao extinguir do projeto PROSEPE, que hoje é de maior idade, com uma estrutura sólida para poder andar, mas que a vontade política de alguns, que, mandando neste país, não nos têm entendido ou não nos quiseram entender, e obrigam à liquidação dum projeto estruturado, sólido e frutuoso.

O PROSEPE era um sonho que abria um portão amplo à atividade das nossas escolas e que resultaria num ideal, onde se compunha um quadro belo que, dia-a-dia, se ia pintando, - informando e formando os nossos alunos e até mesmo os próprios professores ou encarregados de educação – cujo tema assegura a defesa florestal deste país em constante braseiro.

Era nosso destino movermo-nos nesta imensidão do “Oceano Florestal” e como o destino não é uma fatalidade, mas sim um conflito breve com o sonho, nós assim pugnávamos e atuávamos, na convicção de que estaríamos a formar jovens mais capazes e mais conscientes para a defesa da Floresta. Era uma paixão difusa, tínhamos objetivos que jamais alguém poderá classificar de inúteis, contudo, interrompem-nos o caminho, talvez por nos considerarem utópicos, mas o país continua em chamas.

Foi um tempo em que se ganhou imenso e apesar de algumas decepções, continuámos crenes, na esperança de que se salvasse o projeto, porque a vida é uma realidade com os seus direitos.

Quantas recordações proveitosas, quantos sentimentos elevados se tiveram nestes dezoito anos, apesar de nem sempre termos a concordância e a aceitação?

Não se repete a vida, não poderemos voltar para compor o que não se acabou ou não se fez, pois quando se passa uma qualquer porta, nunca ajuizamos que a mesma se fechará, para sempre, à nossa passagem.

Quantas visitas aos bosques, quantas visitas às Florestas, quantas árvores plantadas, quantos bosques formados, quanto amor dado à ÁRVORE e, hoje, o pressentimento dum fim nada extraordinário. É o fraco entendimento de uma vida plena de ação em defesa da Floresta, mas que os senhores políticos, os que gerem os nossos impostos, não compreendem e atuam com medidas eleitoralistas, até pagam aos voluntários da Floresta, como se o voluntariado algum dia fosse pago . . . , mas não tiveram menos da décima parte desse valor para a nossa causa, a do país, defender a Floresta.



Termino esta crónica transcrevendo a comunicação de um professor coordenador, onde se comprovam algumas das dificuldades com que os Clubes e os professores coordenadores se têm vindo a deparar, nomeadamente a falta de sensibilização e consciencialização existente no seio das direções das escolas, bem como a atuação de alguns membros de Conselhos Pedagógicos, que acabam por votar contra a participação dos clubes nos seus respetivos Encontros Distritais.

É extremamente complicado levar os alunos para fora do recinto escolar e até mesmo para fora da sala de aula, tornando-se, desse modo, num novo entrave ao bom funcionamento do projeto PROSEPE, quando a Escola do século XXI devia ser uma Escola Moderna, aberta para o que motiva,

porta aberta da desilusão!

virada para o exterior, tal como vários pedagogos o têm defendido.

Quantas dificuldades nos são criadas para cumprirmos as atividades que se propuseram num Plano Anual de Atividades, mesmo depois de aprovadas pelos órgãos de gestão da escola?

Quanta incompreensão de alguns colegas da própria escola na dispensa dos alunos, membros do Clube da Floresta do PROSEPE, para participarem nas atividades programadas?

Quantos problemas algumas Escolas colocam para considerarem a atividade do PROSEPE como “Serviço Oficial”?

Quantos colegas deixaram de poder estar presentes no Encontro Distrital do seu Clube e delegam noutros colegas, pelas dificuldades que lhes são criadas?

Os entraves que algumas Escolas colocam aos docentes no desempenho das atividades do PROSEPE, muito embora seja um serviço oficial, não significará uma má utilização ou uma lamentável gestão da autonomia da escola?

Julgo que este texto será “a cereja no cimo do bolo”, por ser na 1.ª pessoa do singular, onde se constata como um clube da floresta se vê impedido de ir ao Encontro Distrital, pelo Conselho Geral da sua escola, depois do Conselho Pedagógico o ter permitido.

Assim finalizo esta minha desilusão com “chave de ouro”.

“Caro Colega . . .

Peço-te desculpa pela resposta tardia, mas tal se deveu ao facto de ter que aguardar um parecer do Conselho Pedagógico, que a coordenadora dos Clubes e dos Projetos apresentou, após uma reunião que tivemos para tomar uma posição sobre alguns princípios, nomeadamente o facto de não termos horas atribuídas (nem das de estabelecimento), não haver dinheiro para materiais simples e terem eliminado as saídas e visitas para fora do nosso

Concelho no Plano Anual de Atividades (no primeiro período o C.P. aprovou, mas no decorrer do 2.º período o Conselho Geral revogou esta decisão). Enfim, tal como no ano passado, esta é a posição da Escola e, assim, a decisão é de não podermos participar neste ou noutro encontro semelhante a menos que fossem todos os alunos do mesmo ano de escolaridade ou de ciclo!!! ou que esta atividade se realizasse fora dos tempos letivos!!!

Todos os clubes protestaram, mas o nosso protesto foi indeferido no último pedagógico.

Em resumo, creio que já te tinha alertado para a possibilidade disto acontecer e, embora tenha feito uma tentativa para o conseguir (até porque prometi aos alunos), o pior cenário, para mim e para todos os restantes coordenadores dos clubes, acabou por prevalecer.

Deves imaginar a minha frustração e a profunda insatisfação com tudo isto e, por isso, devo dizer-te que, na possibilidade de a nova direção me oferecer a renovação de contrato, terei de meditar se vale a pena trabalhar num clube que, “oficialmente”, nem sequer consta do meu horário. Eu bem sei que vale a pena pelos alunos, mas a verdade é que, no fundo, abdicó de quase toda a tarde de quinta-feira (e, por vezes, da quarta-feira) para desenvolver um trabalho que só os alunos reconhecem (o que já é bem recompensador).

Em todo o caso, podes visitar o site da escola e procurar aí algumas das atividades e notícias do nosso clube. Desde o segundo período, temos sido nós a implementar o projeto . . . como vês, para quem não tem tempos atribuídos, até tem muito que fazer!

Desculpa mais uma vez, acredita que lamento não poder estar presente e recompensar a participação dos alunos.

Abraço amigo, “

Todavia, ainda estamos a tempo de arrepiar caminho!

Somos uma equipa sonhadora

OS MICÓFILOS



M^a. Isabel V. Cardoso

Professora Coordenadora

O Clube da Floresta “Os Micófilos”, da E.B.1/J.I. de Guilhofrei, Vieira do Minho, tem sido uma mais-valia tanto na formação curricular, como na sensibilização para a preservação da Natureza, pois, por um lado, ajuda a consolidar conteúdos programáticos e, por outro, incute nas crianças atitudes de respeito para com o ambiente e floresta.

A existência do Clube da Floresta leva a que as crianças façam muita investigação sobre a fauna, a flora, os modos de vida, os tipos de cultura, bem como sobre a arquitetura dos concelhos onde têm decorrido os Encontros Distritais de Braga.

A prova do sucesso está estampada no currículo deste Clube, pois com oito anos de existência, nos Encontros Distritais de Clubes da Floresta, tem tido lugar constante no pódio: um terceiro, dois segundos e cinco primeiros lugares.

O sucesso tem sido tão grande que a fama já se espalhou por todo o distrito de Braga! O Clube “Os Micófilos” já é conhecido como a “Universidade de Guilhofrei”!



“O PROSEPE TEM”

Propostas enriquecedoras
Relevantes e fundamentais,
Obreiras na formação
Sementeiras de um vasto ideal!
Envolvendo toda uma equipa
Providencial e empenhada,
Em prol da educação ambiental e florestal!

Um projeto com:

Um coordenador nacional onnipresente;
Um coordenador distrital diligente;
Uma equipa prosepiana sempre atenta e colaborante;
Professores e alunos sempre alerta,
na defesa da floresta!

SOMOS UMA GRANDE EQUIPA!



Um pequeno contributo



Isabel Pinto

Professora Coordenadora

Desde 2000 que sou membro ativo do PROSEPE, na Escola EB2/3 de Celeirós em Braga e Coordenadora do Clube da Floresta “Borboleta&Amigos, Lda”. Desde esse tempo que o dinamismo do Clube foi aumentando com a ajuda de muitos alunos que por lá passam, da colega Profª. Graça Pereira que sempre comigo colaborou e do Coordenador Distrital Jorge Lage, um amigo presente.

O trabalho é sentido por todos com muito amor à camisola e é a única camisola que visto e defendo. Houve vitórias e prémios, muito gratificantes para os alunos, mas o que mais ficou neles foi a forma de participar e as aprendizagens efetuadas.

Os alunos que já saíram da escola, quando me encontram dizem, com felicidade: - *Olá professora do clube da floresta, que saudades daquele tempo do clube!*

Nunca desisti, mesmo sabendo das dificuldades de financiamentos ou outras, e acreditei sempre que este projeto daria “frutos” pelo contributo importante e efetivo que dá de educação para a cidadania e educação ambiental/florestal e que muito contribuiu para o desenvolvimento integral dos alunos.

Desde há dois anos, neste Agrupamento, com apoio da Direção da Escola, conseguimos estender o projeto desde o Pré-escolar ao 3º ciclo.

Agora, para os mais pequenitos, sou a professora do pão de bolota ou das minhocas (vermicompostagem).... Não sabem o meu nome mas conhecem o projeto e que é preciso “olhar pela floresta”.



É gratificante continuar a ver as caritas felizes destes alunos onde, tenho a certeza, fica uma semente que há-de germinar, ou uma borboleta que há-de sofrer metamorfoses, que mudará este cenário triste e cinzento dos incêndios florestais de verão. Enquanto me deixarem continuarei a defender a nossa floresta, pois acredito que com ela teremos abundância de tudo o que precisamos para sermos felizes e saudáveis.



Cada vez mais importantes



António Sousa

Professor Coordenador

Os Clubes da Floresta são indispensáveis para formar jovens, apelando para os variadíssimos problemas com que a sociedade se depara, nomeadamente a educação para a cidadania e questões ambientais e florestais – preservação da floresta e defesa contra incêndios.

Apesar desta boa formação, há fatores que ultrapassam a boa vontade dos jovens em defender a floresta.

Os Clubes da Floresta potenciam uma melhor educação e esta atividade extra-curricular é de grande importância na formação dos jovens, porque os ajuda a crescer interiormente, a serem cidadãos mais conscientes e solidários, mais pró-ativos e críticos no tocante à consciencialização, preservação e responsabilização pela Floresta.

Os incêndios florestais são efetivamente um flagelo que a sociedade em geral e os jovens em particular têm de combater através de uma aprendizagem de compromisso, quer em casa, quer na escola, por um bem que, não sendo de todos, é da responsabilidade de todos, pois, para além de ser um factor económico e ambiental importante que se desperdiça, é a noção de que é algo que tem de acontecer, irremediavelmente, todos os anos como se o calor fosse nefasto para as florestas.

A propósito deste assunto tão pertinente, num Portugal que tem ardido de Norte a Sul, recordo o último dia de “aulas” do Clube da Floresta “Gavião”, da EB 2,3 D^a. Maria II de Gavião, município de Vila Nova de Famalicão, em que questionei os alunos sobre as soluções que encontravam para acabar com esta calamidade veraneia.

Após alguns momentos de reflexão, responderam:
- *Professor, leis mais severas para os infratores; denunciar interesses de certas pessoas, tais como, madeireiros, empresas de meios aéreos que lucram com tais atos horríveis.*

Novamente os questionei sobre o que as escolas poderiam fazer e estes, sem mais delongas, e em uníssono responderam-me: - *Continuar com os Clubes da Floresta, onde aprendemos muito.*

Apesar de existirmos há quase vinte anos, ainda há uma cultura que não chegou a todos, pois os jovens começam agora a despertar para a urgência de protegerem a Floresta e somos ainda poucos a tentar fazer muito, contra muitos que fazem pouco. E esses “muitos” são frequentemente os grandes responsáveis, direta ou indiretamente por esta situação que vivemos. Contudo, não desistiremos da nossa função pedagógica junto dos mais novos – são eles que nos ajudarão a colher o fruto.



Festa no dia da Floresta Autóctone



Emília Alpoim

Professora Colaboradora
Clube da Floresta Nogueira Viva

Manhã gélida, frio penetrante de Inverno, embora o Outono ainda deslizesse no calendário. Tudo a postos para o grande acontecimento do dia na nossa escola, a plantação da árvore selecionada: o MEDRONHEIRO.

Alunos e Professores do Clube da Floresta e outros membros da comunidade escolar juntaram-se para, atentamente, escutar a coordenadora, Prof^a. Elisabete Colmonero que, no seu jeito peculiar, honrou os presentes com o intróito a uma comemoração tão especial e apresentou o Coordenador Distrital, Prof. Jorge Lage.

Com alguns “amigos da floresta”, o professor procedeu ao aconchego das raízes da árvore no meio da terra. Depois de plantada, lá ficou bem identificada à espera de melhores dias para se arreigar e iniciar o seu desenvolvimento.

Seguiu-se a degustação de doces de medronho – tarte e compota – confeccionados pela exímia cozinheira, coordenadora da Biblioteca da Escola, Prof^a. Gracinda Castanheira. Foi divertido e requintado, um “ver se te havias”, pois todos queriam provar, tal a fama instantânea

que ganharam as iguarias. E as receitas foram passadas pelos presentes.

Levará alguns anos, mas... um dia, o MEDRONHEIRO chamará a nossa atenção. Vai apresentar-se um senhor belo e airoso, com filhos, quero dizer, novos ramos que se multiplicarão como uma família. Mostrar-se-ão bonitos, coloridos, sempre que as flores (tão singelas e em cachos) e os frutos pintados de verde, amarelo, laranja e vermelho se exibirem neste jardim.

Os sentidos da visão e do paladar serão presenteados, no futuro, por uma árvore autóctone, talvez desconhecida por muitos. Certamente, outras se seguirão.

Quem estiver na escola vai regalar a vista com tanta beleza e recordará que, neste dia, outros que por cá passaram e “deram à luz” tão belo exemplar, oferecido pelo Parque Nacional Peneda-Gerês.

Hoje já nos sentimos felizes pelo evento e por aquilo que se vai fazendo em prol do Ambiente e da Floresta. Consciência tranquila, é o que importa!



XI Olimpíadas -



Adérito Rodrigues

Coordenador Distrital dos
Clubes da Floresta de Vila Real

A Final Nacional das XI Olimpíadas da Floresta teve lugar no dia 12 de Maio, no Santuário do Coração de Maria, situado na freguesia de Castelões, concelho de Tondela, e esteve a cargo da Dr.^a Cristina Ferreira, Coordenadora Distrital de Viseu, mas também Coordenadora do Clube da Floresta “Os Raposinhos”, da Escola Secundária de Tondela.

Houve um trabalho notório de equipa, onde a ação de Professores, membros do Clube e Alunos Colaboradores se mostrou perfeitamente sincronizada, qual orquestra sinfónica atuando, magistralmente, num dos melhores palcos mundiais.

A Organização teve a parceria da Câmara Municipal de Tondela e da Junta de Freguesia de Castelões, bem como da GNR – GIPS e Bombeiros Voluntários de Campo de Besteiros.

Das várias tarefas que cada Equipa tinha que desenvolver, impressas nas folhas que lhes foram entregues (e que cumpriram com afinco, cheias de boa vontade e com uma felicidade estampada no rosto, aquando da chegada à mesa final), havia uma tarefa, a última, que obrigava a Equipa ao improviso e/ou ao recurso à imaginação – “Escrevam uma mensagem bonita sobre a FLORESTA ou sobre o PROSEPE”. Dessa atividade surgiram bonitas mensagens, que transcrevo, com o objetivo pleno de que sensibilizará o ser mais indiferente à causa da defesa e preservação da FLORESTA, separando-as por Ciclos de Escolaridade.

Testemunhos dos alunos dos 1º e 2º Ciclos:

- A FLORESTA é muito importante para a nossa vida, porque sem árvores não podemos viver!
- Ajudem-na, ela precisa! (**Bufo-Real, Santarém**)
- A FLORESTA é a melhor coisa do mundo, mas é preciso que alguém cuide dela. (**Pássaro Selvagem, Porto**)
- Com o PROSEPE aprendemos a proteger o Ambiente (**Cerquinhos da Sico, Leiria**)
- É importante preservar a Biodiversidade da FLORESTA, porque é essencial a todos os seres vivos. (**Pinhas, Castelo Branco**)
- Para conseguires viver, a FLORESTA tens de proteger. Com a ajuda do PROSEPE vamos conseguir! (**Borboleta e Amigos, Lda, Braga**)
- O PROSEPE junta-nos à volta da FLORESTA. (**Vamos dar a mão à Natureza, Braga**)
- A FLORESTA é a filha da NATUREZA, por isso não a devemos poluir, porque estamos a matar a filha da NATUREZA! (**Pinha Radical, Aveiro**)
- Com o PROSEPE a trabalhar, os Clubes a ajudar, a FLORESTA vamos salvar. (**Fachos da Floresta, Braga**)
- Em Tondela viemos fazer o Encontro Nacional, porque o PROSEPE não queremos perder! Queremos que a FLORESTA perdure através de nós . . . (**Mocho Azul, Vila Real**)
- O PROSEPE está a crescer, a FLORESTA vai agradecer! Fazemos tudo por ela, até viemos a Tondela! (**Pinheiro Vivo, Braga**)
- Todos os dias do ano a FLORESTA devemos preservar. Vamos criar um Plano, com o PROSEPE a ajudar. (**Hortelã-Pimenta, Viseu**)
- Que seria de nós sem a nossa ‘árvore’? Para a FLORESTA ajudar, o PROSEPE tem de atuar! Vamos apoiar! (**Ouriço, Viseu**)
- A FLORESTA é um bem precioso para todos os seres vivos e com o PROSEPE ajudamos a cuidar dela. (**Balluta Radical, Viseu**)

Mensagens sentidas

- A FLORESTA é um bem essencial para a nossa vida. (*Loendro Vigilante, Viseu*)
- Oijam a NATUREZA que nos rodeia e tanto nos adora, sem ela não somos nada, com ela somos alguém. Vem cá e junta-te a nós, para salvar a FLORESTA. (*Corvo, Coimbra*)
- O PROSEPE irá ajudar, sempre que a FLORESTA precisar. (*Pulmões do Mundo, Porto*)
- Com o PROSEPE aprendemos a conhecer, gostar e cuidar da FLORESTA (*Hedera Helix, Aveiro*).
- Vive o PROSEPE e ama a FLORESTA!) *Alerta Verde, Leiria*
- Dizem que somos a geração à rasca, mas com o PROSEPE na defesa da FLORESTA, somos bons quanto basta! (*Laranjinhas de Amares, Braga*)
- FLORESTA é ouro, lá encontramos o nosso tesouro. (*Escola Viva, Coimbra*)

Apresentadas as mensagens anteriores, proponho a leitura das mensagens dos alunos mais “velhinhos”, os do 3º Ciclo, que, dada a sua maturidade cronológica e intelectual, nos mostram uma perspetiva mais sólida e consolidada sobre a Floresta e o PROSEPE.

Se muitos responsáveis deste país lessem o que estes alunos escrevem, valorizariam, muito mais, as mensagens deixadas por esses mesmos seres, os futuros “homens do amanhã”.

Reflita-se sobre o contexto das mesmas:

- A Floresta é um bem precioso, que não pode ser perdido! É de todos e a todos compete proteger. (*Corvo, Coimbra*)
- Ajuda o PROSEPE a proteger a Floresta, para que esta cresça saudável e depressa, para teres um futuro melhor. Ajuda-nos a defender a vida na Terra. (*Camarinhas, Viana do Castelo*)
- Já fomos muito felizes na Floresta”. Floresta é uma enorme fonte de riqueza ambiental, social, económica e lúdica. (*Os Milhafreões, Braga*)

- O PROSEPE devia ser um projeto para o futuro, porque permite aos jovens conhecer a Floresta e colaborar na sua preservação. (*Boba Noctua, Aveiro*)
- A Floresta é essencial para o futuro de Portugal (*Bufo Real, Santarém*).
- A melhor forma de agradecermos este dia é terminarmos com o refrão do Hino: “PROSEPE sempre a dar”. (*Pinha Radical, Aveiro*)
- Para poderes respirar, da Floresta tens de cuidar. (*Corujas, Santarém*)
- Utiliza . . . Protege . . . Ama . . . A Floresta! *Clube do Cedro, Braga*)
- Floresta é fonte de bem-estar! Se queres estar bem, protege-a. (*Hedera Helix, Aveiro*)
- Uma Floresta poupada, uma vida prolongada! (*Hortelã-Pimenta, Viseu*)
- A Floresta é fonte de ar puro, olha por ela, para temos um bom futuro. (*Pinheiro Vivo, Braga*)
- A Floresta é um lugar maravilhoso, onde podes encontrar seres vivos extraordinários. Uns grandes, outros pequenos; uns gordos e outros magros; todos com várias funções, mas uma em comum, que é proteger a Floresta. Estima a Floresta hoje, porque amanhã pode ser tarde. (*As Fagáceas, Porto*)
- Se a Floresta acabar, o PROSEPE a vai replantar! (*Os Raposinhos, Viseu*)
- A Floresta devemos proteger, para ela não desaparecer. (*O Ouriço, Viseu*)
- Se tu queres viver, a Floresta tens de proteger. (*As Pinhas, Castelo Branco*)
- A Floresta é um bem precioso para a nossa vida, mas sem ela o PROSEPE não existia. (*Pulmões do Mundo, Porto*)
- Com o PROSEPE a vigiar a Floresta, vamos salvá-la. (*Loendro Vigilante, Viseu*)



Dalila Reis

Coordenadora Distrital Adjunta dos
Clubes da Floresta de Aveiro
Coordenadora do Clube
Hedera helix

O “*Hedera helix*” - um dos Clube da Floresta do Distrito de Aveiro - conheceu e aderiu a este projeto há doze anos. Ao longo deste tempo, muitos foram os alunos que integraram este Clube e, muitos, fizeram parte dele ao longo de vários anos, sem interrupção. Houve mesmo uma aluna que se quis matricular nesta Escola porque queria pertencer ao PROSEPE.

Da parte da Direção e da restante comunidade escolar, houve sempre um apoio eficaz a este Clube, fator essencial para a continuidade do mesmo.

Hoje proliferam diversos projetos semelhantes, mas quando conheci o PROSEPE considerei que ele era o mais bem organizado no género. Para mim foi um grande prazer e uma grande honra estar envolvida neste Projeto.

Em quase todas as atividades realizadas foi habitual pôr os alunos a avaliá-las e no final do ano letivo fazer um balanço do Clube. Aqui deixamos o depoimento de alguns alunos, a partir da seleção que fizemos:

O que eles disseram no balanço de 2003-2004

Vim para este Clube porque...

- Gosto da floresta, fascina-me ver as plantas nascer, trabalhar na terra (Pedro Vieira- 6ºA);
- É interessante e cultural (Sara Filipa – 6ºA);
- Achei que era uma forma de ficar a aprender mais(Rui André - 6ºA);
- Gosto de preservar a Natureza Ricardo- 6ºA);
- Achei curioso haver um clube a defender a Natureza (Jessica- 6ºA);
- Interesse-me pela Natureza (Daniela – 6ºA);
- Os meus colegas disseram-me que era espetacular andar no PROSEPE e então eu queria experimentar (Cristina - 6ºA);
- Gosto da Natureza e quero cuidar do Ambiente” (Maria da Conceição – 6ºA);
- Queria saber mais sobre a Natureza (Diana- 7ºA; Johane - 7ºA);
- Gosto do Ambiente (Tiago Azevedo; Pedro Amaral – 7ºA);
- Queria saber para que servia (Vanessa – 7ºA);
- Gosto da Natureza e a Profª de Matemática incentivou-me a inscrever-me no PROSEPE (Rita Neves- 6ºA).



Foto junto à sede do Clube *Hedera helix*



Encontro Distrital, Santa Maria da Feira, 24 de Abril 2008.

PROSEPE

Balço de 2007/2008 feito pelos alunos prosepianos

Vim para este Clube porque...

- Gosto muito da Floresta (Sara Moreira, 5ªA);
- É muito divertido e eu gosto (Anabela Gonçalves, Rafaela Gomes, 5ªA);
- Gosto muito do Clube e das Visitas à Natureza (anónimo);
- Para aprender mais coisas sobre a floresta e fazer atividades (Nuno Ferreira, 5ªA);
- Gosto de trabalhar aqui no PROSEPE (Daniela Silva, 5ªA);
- O Meu Diretor de Turma aconselhou-me a vir (Débora, J4);
- Gosto de trabalhar com materiais da floresta e de fazer trabalhos manuais (Anónimo);
- Quería aprender mais coisas sobre a Natureza (apesar de detestar bichos) (Catarina Nunes, 6ªB);
- Gosto de aprender coisas sobre a Natureza e acho este Clube muito fixe e divertido (Sara Filipa, 6ªB);
- Gosto da Floresta (só não gosto de alguns bichos), gosto de ir às Visitas, gosto das plantas, gosto das Professoras e acho-o muito interessante (anónimo);
- Achei entusiasmante e interessante. As professoras são simpáticas (Joaquim Cardoso, 5ªE);
- Gostava de saber mais sobre a Floresta e queria ir às Visitas de Estudo (Anónimo);
- Quería conhecer mais sobre a Floresta e os animais (Ruben Pinhal e Carlos Vendas).

Atividades de que eles mais gostaram...

- Visita a Salreu;
- Encontro Distrital;
- Olimpíadas da Floresta;
- Comemorações (S. Martinho, do Natal);
- Das visitas à floresta;
- De fazer trabalhos manuais para as feiras do Clube;
- De ir à Biblioteca ver o Clube na NET.

O que eles disseram no balanço de 2008-2009



Encontro Distrital, na Expoflorestal.

O que mais gostei...

- Visitas à Floresta, construir bonecos com elementos colhidos na floresta;
- Ir à Serra da Estrela, fazer papel reciclado;
- Ir à Expoflorestal e à Serra da Estrela;
- Visitas à Floresta e outras Visitas de Estudo;
- Olimpíadas da Floresta – Fase Nacional;
- Visitas à Floresta, S. Martinho, e outras atividades em que aprendemos mais sobre árvores e outras plantas;
- Rota dos Cogumelos e Serra da Estrela;
- Visita a Salreu.

Gostaria ainda de dizer que...

- Este Clube é divertido e para o ano gostaria de continuar nele;
- O PROSEPE que continue sempre porque é importante;
- Gostei de estar no PROSEPE;
- Vou continuar aqui para o ano;
- Gosto do PROSEPE;
- Gosto de aprender;
- Gosto muito das atividades do Clube *Hedera helix*;
- Este Clube devia continuar;

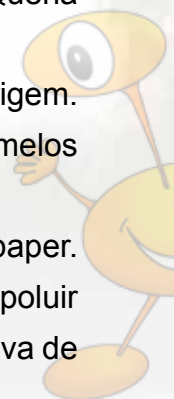
Sobre o PROSEPE

O que disseram em 2010-2011, sobre o Encontro Distrital

- Achei mais interessante o teatro de fantoches, ver as abelhas no enxame, cantar o hino do PROSEPE, etc. Aprendi que a forma hexagonal dos favos das abelhas consegue armazenar a maior quantidade de mel na menor superfície. Gostaria de dizer que as Visitas do PROSEPE são muito divertidas e que ADORO O PROSEPE! Viva o PROSEPE que é o maior CLUBE da Floresta do mundo! (André Sousa, 5ºB);
- O que achei mais interessante foi ver as microalgas ao microscópio e observar as abelhas a fazer o mel. Mas, em geral, gostei de tudo. Aprendi a plantar árvores e que a floresta é muito importante para a Vida. Gostaria ainda de dizer que a viagem foi interessante e também que o teatro de fantoches foi espetacular tal como este Encontro. (Inês Moreira, 5ºB);
- Achei muito interessante. Aprendi muita coisa e queria voltar. (Pedro Pereira, 5ºB);
- Gostei mais de ver os brinquedos de madeira e de darmos a volta ao mundo em 10 árvores. Gostei de saber que o pessegueiro veio da China. Adorei este Encontro Distrital! (Ana Celeste, 5ºD);
- O que achei mais interessante foi o teatro de fantoches e as diversas atividades da Ciência Viva. Aprendi que a Floresta é mesmo muito importante. Gostei muito deste Encontro Distrital! (Filipa Ferreira, 5ºD);
- Gostei mais do pedipaper. Aprendi que há casos em que uma flor, são mil florzinhas. Gostei muito e queria voltar. (Mariana Branco, 5ºD);
- Gostei mais dos Fantoches e das atividades da Ciência Viva. Aprendi que a Floresta

é mesmo muito importante. Gostei muito. (Virgínia Nunes, 5ºD);

- Gostámos dos brinquedos de madeira, da visita aos stands, do que nos ofereceram. Aprendemos muitas coisas. Foi muito interessante e muito fixe. (Ricardo Sá e Ruben Sousa, 5ºD);
- Tudo o que assisti foi interessante, por isso, se tivesse que classificar a minha atividade favorita, seria impossível. Aprendi muita coisa. Gostaria de dizer que na próxima vez não vou gaguejar no discurso. (Mariana Teixeira, 6ºC);
- Gostei mais do pedipaper. Aprendi que cada vez mais temos de preservar a Natureza. Gostei da atuação das marionetas. (Inês Branco, 6ºC);
- Achei muito interessantes as atividades propostas nos ateliês. Aprendi que podemos criar electricidade a partir da madeira. ADORO O PROSEPE!! (Mariana Patela, 7ºB);
- Gostámos de observar as microalgas ao microscópio. Aprendi a identificar árvores e de onde vêm e outras curiosidades. Devia haver outra Visita. (Adriano Leite (J9) e Daniela S. (9ºC);
- O que achei mais interessante foi visitar os stands e o teatro de fantoches. Aprendi que devemos tratar bem a Floresta. Queria vir mais vezes. (Valter Costa, 7ºA);
- Aprendi o nome de árvores e a sua origem. Foi muito giro encontrar cogumelos venenosos. (Rui Nunes, 7ºA);
- O que achei mais interessante foi o Pedipaper. Aprendi que não devo estragar nem poluir a Floresta. Foi muito divertido e gostava de repetir. (Daniela Evaristo, 7ºA).



Pedagogia ambiental e florestal



Marcelo Rebelo de Sousa
Professor Universitário

Estive com os responsáveis e as crianças e jovens envolvidos nas atividades do PROSEPE no Dia do XI Encontro Distrital de Braga de Clubes da Floresta, em Celorico de Basto (27.05.2011).



Por sinal, coincidindo com a Feira do Livro, que, anualmente, encerra o tempo letivo.

E pude confirmar o mérito do PROSEPE, que celebra já quase vinte anos de serviço à nobre causa de sensibilizar, formar, fazer pedagogia ambiental e florestal.

Um abraço muito grato, como cidadão e como professor e votos de muitos mais vinte anos, para bem de milhares e milhares de portuguesas e portugueses!"



Click

